



Universidade de Brasília (UnB)
Unidade acadêmica
Curso de Artes Cênicas

Claudia de Medeiros Silva Mendes

**A oralidade como elemento de preservação da ancestralidade, memória e
identidade da mulher nordestina**

Brasília
2024

Claudia de Medeiros Silva Mendes

**A oralidade como elemento de preservação da ancestralidade, memória e
identidade da mulher nordestina**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à/ao Unidade Acadêmica da Universidade
de Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Artes
Cênicas.

Orientador(a): Prof. Dr^a Ângela Barcellos
Café

Brasília

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

Claudia de Medeiros Silva Mendes

**A oralidade como elemento de preservação da ancestralidade, memória e
identidade da mulher nordestina**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à/ao Unidade Acadêmica da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Data da defesa: 16/09/2024

Orientadora
Dr^a Ângela Barcellos Café
Departamento de Artes Cênicas CEN/IDA - UnB

Avaliadora - membro da Banca
Dr^a Luciana Hartmann
Departamento de Artes Cênicas CEN/IDA - UnB

Avaliadora - membro da Banca
Dr^a Cyntia Carla Cunha Santos
Departamento de Artes Cênicas CEN/IDA - UnB

A oralidade como elemento de preservação da ancestralidade, memória e identidade da mulher nordestina

Orality as na element of preserving the ancestry, memory, and identity of northeastern women

Claudia de Medeiros Silva Mendes

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a oralidade como linguagem de empoderamento das mulheres nordestinas na contemporaneidade. A pesquisa se justifica pela necessidade de dar voz a essas mulheres, reconhecendo e valorizando suas narrativas como formas de resistência e transformação social. Pretende-se explorar, por meio de histórias femininas narradas oralmente, aspectos como identidade, memória, individualidade, ancestralidade e experiências femininas, demonstrando como a oralidade contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva. A metodologia adotada é qualitativa, consiste em entrevistas com mulheres nordestinas, coletando suas histórias de vida e experiências e analisando com ajuda da bibliografia levantada. Essas entrevistas revelam como a oralidade fortalece e ressignifica as trajetórias dessas mulheres, preservando memórias coletivas e individuais. A prática de contar histórias reforça a identidade coletiva, valorizando a diversidade de vozes femininas, enquanto a conexão com a ancestralidade fortalece a autoestima e a autoconfiança. As experiências de vida compartilhadas mostram múltiplas formas de resistência e superação, criando um ambiente de acolhimento e apoio mútuo. O empoderamento feminino emerge ao desafiar as estruturas de poder, redefinindo identidades e promovendo uma sociedade mais equitativa.

Palavras-Chave: Oralidade; Narrativas; Identidade; Memória.

Abstract: This study aims to analyze orality as a language of empowerment for Northeastern women in contemporary times. The research is justified by the need to give voice to these women, recognizing and valuing their narratives as forms of resistance and social transformation. The objective is to explore, through orally narrated feminine stories, aspects such as identity, memory, individuality, ancestry, and feminine experiences, demonstrating how orality contributes to a more just and inclusive society. The methodology adopted consists of interviews with Northeastern women, collecting their life stories and experiences. These interviews reveal how orality strengthens and redefines the trajectories of these women, preserving both collective and individual memories. The practice of storytelling reinforces collective identity, valuing the diversity of feminine voices, while the connection with ancestry strengthens self-esteem and self-confidence. The shared life experiences showcase multiple forms of resistance and resilience, creating an environment of support and mutual care. Female empowerment emerges by challenging power structures, redefining identities, and promoting a more equitable society.

Keywords: Orality; Narratives; Identity; Memory.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1 - INTRODUÇÃO | 5 |
| 1.2 - Metodologia e pesquisa | 6 |
| 2 - HISTÓRIA DO SERTÃO NORDESTINO, CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS | 10 |
| 3 - TRADIÇÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS DA REGIÃO NORDESTE | 13 |
| 3.1 Cultura popular e influências de seus elementos na identidade das mulheres nordestinas | 15 |
| 3.2 Benzedeiros/Rezadeiras: guardiões da oralidade, tradição e cultura popular brasileira | 18 |
| 4. CORPOS FEMININOS E ORALIDADE: NARRATIVAS ENTRELAÇADAS DE EMPODERAMENTO E EXPRESSÃO | 22 |
| 4.1. Corpos femininos e oralidade: narrativas entrelaçadas de empoderamento e expressão | 25 |
| 4.2 O papel pedagógico da oralidade no ambiente escolar: construindo laços e fortalecendo vínculos de aprendizado | 35 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| 6. REFERÊNCIAS | 42 |
| APÊNDICES | 45 |

1 - INTRODUÇÃO

Sujei meus dedos de barro pela primeira vez aos 7 anos. Minha avó, sentada num banco de madeira, segurava entre as mãos um pedaço de argila que mais tarde viraria uma panela. Numa bacia de alumínio grande, encontrava-se certa quantidade de água que ela utilizava para molhar e moldar as peças que criava. Louceira de profissão, ela passava dias fazendo utensílios domésticos e bonecos de barro para depois ir vendê-los na principal feira da cidade. Me dei conta disso um tanto quanto tarde, mas arrisco dizer que a primeira exposição de arte que fui foi produzida, organizada e fundada pela minha avó. Assisti meu primeiro show no camarote da sala da minha casa e a atração principal era meu pai, que acompanhado da sanfona, tocava os sucessos de Luiz Gonzaga. Cresci ouvindo histórias sobre o sertão. Nos dias de rebeldia minha mãe dizia que o Papa-Figo viria me buscar caso eu não me comportasse. Meu avô contava “causos” sobre Lampião e falava com orgulho sobre os milagres que Padre Cícero tinha feito. Os livros que mais me interessavam, eram os que de certa forma contavam a minha história e a história da minha família.

Sob o sol escaldante, as mulheres da minha família se deslocavam em busca do açude mais próximo para lavar roupas e coletar água para utilizar nos afazeres domésticos. Os baldes cheios de água postos sobre suas cabeças foram seus companheiros por muitos anos. Na janela da sala de casa víamos a seca dançar em silêncio. Quando o açude secava, eu admirava assustada as pegadas de animais que ficavam escondidas no solo. Minha mãe me dizia que aquele rastro deixado pelos bichos era obra do destino e que aquele caminho de pegadas levava para um lugar chamado esperança. Costumávamos nos sentar embaixo do pé de juá, ao lado da casa de minha avó, e lá ficávamos por horas, contemplando o horizonte, imaginando quando a chuva cairia de novo para encher o leito dos rios que tinham se tornado memória. Para nós a chuva deixava saudade. E quando chegava, trazia felicidade e satisfação. Ainda menina, percebi que mesmo sob o domínio impiedoso do sol, minha família carregava consigo a alma inabalável e cheia de esperança do sertanejo. Ficaram guardadas em minha memória milhares de histórias que eram contadas pelas mulheres de minha casa. Minha mãe, minha avó, minhas tias, primas, amigas de infância, mulheres sertanejas, são contadoras de mitos, de lendas e de histórias que se entrelaçam com a realidade.

Este estudo tem como objetivo analisar a oralidade como linguagem de empoderamento das mulheres nordestinas na contemporaneidade. Através de histórias femininas, centradas em narrativas orais, este trabalho aborda a identidade, a memória, a individualidade, a ancestralidade, as experiências, as histórias e as manifestações das dores de corpos femininos dentro da sociedade. Explora-se a dinâmica entre o silêncio e a expressão nas narrativas orais dessas mulheres, buscando caminhos para transformações e a quebra do silenciamento. A pesquisa se justifica pela necessidade de construir uma sociedade mais justa, onde as vozes e experiências das mulheres nordestinas sejam valorizadas e reconhecidas.

A oralidade tem efeitos sociais positivos ao permitir que as mulheres compartilhem suas histórias e saberes, promovendo maior inclusão e equidade. Além disso, a linguagem oral contribui significativamente para a educação ao fomentar um ambiente de aprendizagem onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas. Destaca-se como a contação de histórias pode ser um poderoso instrumento educativo, preservando a memória e a identidade cultural, e incentivando a participação ativa e crítica dos alunos.

A disciplina dos contadores de histórias desempenha um papel fundamental na preservação da cultura, da memória e da identidade, principalmente em contextos onde a oralidade é uma forma predominante de transmissão de conhecimento. Se considerarmos a oralidade como elemento capaz de preservar a ancestralidade, a memória e a identidade das mulheres nordestinas, essa prática torna-se ainda mais significativa.

No Nordeste do Brasil, a oralidade é um dos principais meios de perpetuação de tradições, histórias de vida, lendas e ensinamentos. As mulheres do Nordeste, em especial, desempenham papel central como guardiãs dessas histórias, que muitas vezes são transmitidas de geração em geração. Contar histórias é muito mais do que simplesmente relatar acontecimentos, é uma forma de manter viva a cultura, afirmar a identidade e resistir ao apagamento cultural.

Os contadores de histórias, ao valorizarem e promoverem a oralidade, ajudam a preservar as raízes culturais de suas comunidades. Eles guardam histórias que podem ser esquecidas e as mantêm vivas na memória coletiva. Além disso, ao compartilhar essas histórias, eles fortalecem o sentimento de identidade e pertencimento, não só das mulheres do Nordeste, mas de toda a comunidade.

No contexto das mulheres nordestinas, a oralidade também serve como meio de resistência e afirmação. As histórias que essas mulheres contam refletem muitas vezes as suas lutas, sonhos e sucessos, e a disciplina dos contadores de histórias ajuda a garantir que essas histórias sejam reconhecidas e valorizadas. Portanto, a prática de contar histórias torna-se uma poderosa ferramenta de preservação da ancestralidade, da memória e da identidade cultural.

A valorização da oralidade na educação pode formar pessoas mais conscientes e engajadas, capazes de reconhecer e combater as desigualdades de gênero e outras formas de opressão. Ao explorar as histórias femininas e a oralidade, este trabalho propõe estratégias para integrar essas narrativas no currículo escolar, criando um espaço onde as vozes das mulheres sejam ouvidas e respeitadas. Isso promove um ambiente educativo mais inclusivo e equitativo, onde todos os alunos têm a oportunidade de aprender e crescer com as diversas experiências e perspectivas apresentadas. Em suma, o estudo visa não apenas mostrar o empoderamento das mulheres nordestinas através da oralidade, mas também que se possa utilizar essa linguagem para transformar a educação, tornando-a um espaço de resistência e afirmação das identidades femininas. Dessa forma, a pesquisa contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade de vozes é valorizada e celebrada.

1.2 - Metodologia e pesquisa

A oralidade se manifesta em uma variedade abrangente de formas. A dinamicidade da linguagem falada é evidente em sua capacidade de se adaptar e evoluir de acordo com o contexto em que está inserida. Ela transcende as barreiras da linguagem escrita, incorporando entonação, gestos, expressões faciais, regionalismos e até mesmo pausas, para criar significados e transmitir emoções. A oralidade é fluida, permitindo improvisação e interação em tempo real, o que a torna uma forma de comunicação intensa e envolvente.

Essa dinamicidade da oralidade reflete não apenas a complexidade da linguagem humana, mas também a riqueza da comunicação interpessoal e da expressão cultural. Com base no que já foi apresentado, este trabalho busca compreender como as narrativas orais, transmitidas ao longo das gerações, desempenham um papel crucial na preservação da cultura nordestina, no

fortalecimento da identidade regional e na promoção da autonomia das mulheres que protagonizam essas narrativas.

Para alcançar esses objetivos, a metodologia de pesquisa qualitativa se baseou em entrevistas semiestruturadas, permitindo uma exploração aprofundada das experiências, perspectivas e conhecimentos das mulheres nordestinas em relação à oralidade e seu impacto em suas vidas e comunidades. Por meio da metodologia de pesquisa baseada em entrevistas, esta investigação pretende oferecer uma visão mais profunda e abrangente sobre o papel da oralidade na vida das mulheres nordestinas. Ao destacar suas experiências, perspectivas e conhecimentos, esta pesquisa busca contribuir para um maior entendimento da importância da oralidade como elemento de preservação cultural, autonomia feminina e resistência frente aos desafios da sociedade contemporânea.

No desenvolvimento deste trabalho, a escolha da metodologia de pesquisa se fundamenta na necessidade de obter uma compreensão profunda e contextualizada da oralidade, fenômeno que está sendo estudado. A entrevista possui 12 perguntas, que busca explorar as diversas nuances da oralidade no contexto específico da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com um grupo de 3 mulheres adultas nascidas na região Nordeste do Brasil e que residem na capital federal. Dos critérios estabelecidos, o principal era a naturalidade nordestina, sem faixa etária de idade e sem nível de escolaridade especificado, possibilitando assim, uma ampla participação. As perguntas feitas às participantes foram estruturadas de forma a incentivar respostas abertas e detalhadas, permitindo-lhes que elas expressassem suas experiências e percepções de forma autêntica.

A linguagem falada é um aspecto fundamental da comunicação humana, que desempenha um papel crucial na interação social, na transmissão de cultura e conhecimento, e na construção de significados e identidades compartilhadas. Está presente em uma variedade de contextos e situações, desde conversas informais entre amigos e familiares até discursos públicos, apresentações formais e neste caso, se apresenta como objeto de estudo específico. Para Cléo Busatto, “O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado” (2012, p.9).

Segundo a autora, quando um contador de histórias assume a tarefa de narrar uma história, ele não apenas reproduz palavras, mas também empresta sua própria essência para dar vida ao texto. O narrador não é apenas um transmissor neutro de

informações, mas sim um participante ativo na criação do significado da história. Ao incorporar suas expressões faciais, entonação, gestos e emoções à narrativa, o contador de histórias adiciona camadas de interpretação e profundidade ao texto, tornando-o mais vivo e impactante para o público.

Esta pesquisa também busca evidenciar a importância da presença humana na narração de histórias, destacando como as narrativas orais contribuem para a criação de significado e impacto emocional através de sua interpretação pessoal e entrega sobre o que está sendo contado/narrado. As entrevistas são flexíveis, permitindo que os pesquisadores se adaptem às respostas dos participantes e explorem áreas de interesse emergentes de forma mais detalhada.

Outro ponto importante é a capacidade das entrevistas de contextualizar as informações coletadas. Ao permitir que as participantes compartilhem suas perspectivas e experiências em seus próprios termos, as entrevistas ajudam a fornecer feedbacks que não apenas respondem às perguntas de pesquisa, mas também ajudam a entender o contexto mais amplo em que o fenômeno ocorre. Ao capturar uma ampla gama de informações e experiências, as entrevistas ajudam a garantir a representatividade dos dados coletados e a robustez das conclusões tiradas a partir deles. Em resumo, a escolha desta metodologia de pesquisa baseada em entrevistas se justifica pela necessidade de obter uma compreensão profunda, contextualizada e plena do fenômeno estudado, bem como pela capacidade das entrevistas de fornecer percepções flexíveis e adaptáveis que contribuam significativamente para o avanço do conhecimento sobre o tema em questão.

Cada participante traz consigo uma experiência única e uma visão pessoal do assunto em estudo. A tradição oral pode ser compreendida como a transmissão verbal de conhecimento, experiências e histórias ao longo das gerações. Baseado na proposta de estudo e investigação que este trabalho apresenta os objetivos de pesquisa são os seguintes:

- Investigar o impacto das narrativas orais na promoção da identidade feminina para entender como essas histórias preservam a cultura e empoderam as mulheres.
- Explorar o papel das narrativas orais na promoção da autonomia das mulheres nordestinas.

- Analisar as experiências, perspectivas e conhecimentos das mulheres nordestinas em relação à oralidade e seu impacto em suas vidas e comunidades.
- Oferecer uma visão mais profunda e abrangente sobre o papel da oralidade na vida das mulheres nordestinas, para que elas reconhecendo a importância continuem sua tarefa.
- Destacar a importância da oralidade como elemento de preservação cultural, autonomia feminina e resistência frente aos desafios da sociedade contemporânea.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de uma compreensão profunda e contextualizada da oralidade como fenômeno cultural e social, especialmente no contexto das mulheres nordestinas. A oralidade, como meio de transmissão de conhecimentos, tradições e memórias, desempenha um papel crucial na preservação da identidade e das origens destas mulheres. Para atingir este objetivo é fundamental investigar a dinâmica da oralidade em diferentes contextos e situações, permitindo-nos compreender como ela se manifesta e se transforma em função das circunstâncias culturais, sociais e históricas.

Com o intuito de contextualizar a prática da oralidade, apresentamos aqui parte das respostas concedidas por mulheres que utilizam a oralidade como ferramenta poderosa para preservação de suas histórias, vivências e experiências. O objetivo é fornecer informações que ajudem a entender como as narrativas orais estão sendo praticadas e percebidas no momento presente. Isso pode envolver uma análise das tendências atuais na contação de histórias, as formas como a prática está sendo adaptada ou reinterpretada para se adequar às mudanças sociais, tecnológicas ou culturais, e como as mulheres contadoras de histórias estão se posicionando e se engajando com questões contemporâneas. Em resumo, o objetivo é oferecer um quadro compreensivo e relevante sobre o papel e a prática da contação de histórias nos dias de hoje.

2 - HISTÓRIA DO SERTÃO NORDESTINO, CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS

Historicamente, herdamos dos portugueses grande parte da nossa cultura. Repleta de camadas, a cultura brasileira é consequência da mistura de variados grupos étnicos que contribuíram para a formação da população ao longo dos séculos. Tendo sido a primeira região efetivamente colonizada por portugueses, ainda no século XVI, o Nordeste é bastante diversificado em seu âmbito cultural, já que sofreu influência dos povos africanos, europeus e indígenas. Em síntese, a região nordeste, tem uma cultura bastante africanizada, sendo que no sertão paraibano sucedeu-se uma mescla entre as culturas de caráter holandês e indígena, com menor participação africana.

Durante a colonização, os portugueses encontraram nas terras nordestinas condições ideais para o plantio de cana-de-açúcar. O cultivo de cana fez com que os senhores de engenho se instalassem no litoral a fim de explorar o solo. Entretanto, ainda havia uma parte dessa região desabitada. Conhecida como deserto ou "desertão" e mais tarde abreviado para sertão, essa região foi mais tarde povoada pelos pecuaristas. A partir disso, a região nordeste passou a ser vista sob os olhos de dois mundos distintos e até hoje sofre os reflexos da colonização, que dividiu brutalmente o litoral do sertão.

O Sertão Nordestino abraça uma história rica e complexa. Geograficamente, é a segunda maior região do país, com uma área de 1.558.291,6 km² (corresponde a 18,2% do território brasileiro). É composta por nove estados, sendo eles: Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe e segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), estima-se que a população esteja em cerca de 54.644.582 habitantes, de acordo com o censo de 2023.

O Nordeste Brasileiro apresenta uma grande diversidade de ambientes, e consequentemente de solos. Apesar disso, essa região nunca deixou de sofrer por causa da seca, fenômeno decorrente da falta de chuva. O clima nordestino é conhecido por não ter meio termo. No interior, o ambiente semiárido predomina. Entre o sul da Bahia e o centro do Maranhão o clima tropical se faz presente. No interior do Sertão Nordestino a caatinga prevalece e em áreas do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte encontra-se uma área conhecida como Mata dos Cocais, conhecida pela presença marcante de palmeiras do gênero *Attalea*, especialmente a babassu (*Attalea speciosa*) e o babaçu (*Attalea oleifera*).

Durante todo o ano, a região nordeste apresenta temperaturas elevadas, enquanto no agreste nordestino prevalece o clima semiárido com chuvas escassas e irregulares e longos períodos de seca. Apesar de ter sido a primeira zona de povoamento criada pelos colonizadores, esta região é conhecida como “região das perdas”. Este termo é fruto de adversidades ocorridas nos campos da economia, política e migração de habitantes. A primeira perda ocorreu devido à queda econômica provocada pela decadência da produção açucareira durante o século XVIII. A segunda se deu pela perda de influência política quando, em 1763, a capital do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. A terceira manifestou-se como uma redução na população (demográfica) no século XX, decorrente da migração em massa de milhares de nordestinos em direção à região Sudeste do país.

Desde a colonização, o Nordeste passou por 84 períodos de estiagens prolongadas. Como consequência desse fenômeno, muitos nordestinos migraram e ainda migram para outros lugares, na esperança de uma vida melhor. A Codeplan (Companhia de Planejamento) com base na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD) divulgou uma pesquisa no dia 07/08/2019, e aponta que, em 2011, 51,8% da população brasiliense era formada por imigrantes e, desses, 51,1% eram oriundos da Região Nordeste.

Segundo a pesquisa, dos 1.326 milhão de imigrantes residentes no Distrito Federal, em 2011, 677 mil eram de nove estados do Nordeste. Com a manutenção do forte fluxo migratório oriundo daquela região, estima-se que nos últimos três anos esse contingente tenha aumentado em cerca de 60 mil (dados a serem confirmados pelo PDAD/DF 2013/14), devendo a população nordestina do DF ser atualmente, em torno de 735 mil pessoas. Pode-se dizer que a história de Brasília se constrói a partir das narrativas entrelaçadas daqueles que escolheram a capital como seu lar, trazendo consigo suas famílias para estabelecer morada neste lugar.

A economia da região Nordeste do Brasil é a terceira maior do país. Baseia-se na agricultura, na indústria e comércio, atividades turísticas, extrativismo vegetal e mineral, entre outros. Bastante diversificada e dinâmica, o sistema financeiro desta região é bem diversa, perpassando por setores como agricultura, turismo, serviços e indústrias. Desde a colonização, a região nordestina é conhecida por sua produção de cana-de-açúcar, frutas, grãos, algodão, entre outros produtos agrícolas. No setor industrial, o espaço é dominado pelo serviço petroquímico, automotivo, têxtil e de

alimentos. O turismo é uma fonte importante de renda para a região. As praias, festivais culturais e a rica história atraem visitantes nacionais e internacionais.

O Nordeste Brasileiro se destaca por sua riqueza cultural profundamente enraizada, com uma história e uma tradição milenar, proporcionando uma tapeçaria vibrante de tradições, músicas e festivais que contribuem significativamente para a identidade nacional. Contudo, é essencial reconhecer que, simultaneamente, a região enfrenta desafios consideráveis, refletidos nos alarmantes índices de violência e desigualdade. O Nordeste, com sua complexidade e diversidade, ilustra a dualidade de uma área que abraça sua herança cultural enquanto luta para superar obstáculos socioeconômicos. É crucial abordar essas questões de maneira integrada, promovendo políticas e iniciativas que fortaleçam os aspectos positivos da região, ao mesmo tempo em que combatam de maneira eficaz os desafios que comprometem a segurança e o bem-estar de sua população.

3 - TRADIÇÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS DA REGIÃO NORDESTE

A tradição cultural nordestina é uma rica e complexa mistura de vários povos. Indígenas, Africanos e Europeus contribuíram e influenciaram para que as expressões artísticas, conhecidas no mundo inteiro, se tornassem essa tapeçaria cultural única. O legado deixado na época da colonização se entrelaça de maneira singular, dando origem a manifestações culturais que transcendem fronteiras geográficas. Das origens até os dias atuais, as manifestações culturais brasileiras sofreram diversas alterações. Os hábitos presentes dentre os povos originários receberam elementos e influências que modificaram suas composições mas que não apagaram sua essência original. A problemática colonial surge, sobretudo, em termos de força. Dentre as maiores modificações encontradas em nossa cultura, podemos citar a língua e a religião como os campos que mais sofreram alterações.

O catolicismo, profundamente difundido em Portugal, foi trazido para nossas terras e imposto como doutrina suprema forçando aos poucos os povos indígenas a se adaptarem a essa nova crença. Das tradições religiosas européias mais comuns, estão as festas e procissões advindas do cristianismo. O Carnaval, manifestação cultural presente até hoje em nossa sociedade, era inicialmente uma festa pagã e extremamente popular. Vista através dos olhos maléficos da religiosidade, a Igreja Católica buscou ressignificar a origem desta expressão cultural. A forte ligação que

os povos originários tinham com o canto, com a dança e com a música foi crucial para o assombro camuflado de repúdio dos brancos europeus que ao perceberem a força destes movimentos decidiram modificar e até mesmo apagar a legitimidade destas manifestações culturais, já que para eles esses costumes estavam diretamente vinculados a práticas diabólicas.

O apagamento cultural promovido pelos portugueses e as modificações que os mesmos fizeram na cultura brasileira não foram suficientes para extinguir as heranças deixadas pelos povos indígenas e pelos africanos. A herança deixada sobre o solo nordestino, pelos povos que aqui pisaram no período do Brasil Colônia refletem até hoje uma combinação artística que mescla costumes, saberes, tradições, e manifestações culturais com histórias reais de dor e flagelo relatadas nos livros sobre a história do Brasil.

A Polícia Militar da Paraíba, ao realizar uma análise aprofundada sobre a história da colonização do estado, constatou diversos episódios de confronto entre os colonizadores e as populações indígenas locais. Durante esse período, ficou evidente que os franciscanos desempenharam um papel significativo ao escravizar os indígenas, utilizando-os como mão de obra forçada em diversas atividades. Além disso, a pesquisa revelou que os jesuítas, que também atuavam na região, acabaram sendo expulsos devido a conflitos de interesses com outras forças coloniais. Outro ponto destacado na análise foram as invasões holandesas, que marcaram um período turbulento na história da Paraíba, contribuindo para a complexa dinâmica de poder e resistência na região durante a colonização.

Mosaico encantador e diversificado, a herança cultural nordestina é berço de histórias, hábitos, costumes e manifestações artísticas. Frevo, Maracatu, Literatura de Cordel, arquitetura colonial, Festas Juninas, todos esses movimentos de cultura popular afloram como uma vívida expressão dessa fusão única de elementos históricos e culturais que moldaram a região ao longo dos séculos. O termo cultura popular detém muitos conceitos e concepções. De acordo com Arantes (2007, p. 7) essa expressão recobre diferenciados pontos de vista que vão de um extremo ao outro, desde a negação da mesma como saber, até a apropriação dela para resistência de um tempo, ou mesmo de classes. Os inúmeros conceitos do termo dependem do contexto inserido “São muito os seus significados e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre” (ARANTES, 2007, p. 7). Assim, a região é grande produtora, distribuidora e consumidora de

cultura popular e carrega consigo as raízes profundas de suas tradições, transformando cada esquina em um palco para a riqueza e diversidade que tornam o Nordeste tão singular.

3.1 Cultura popular e influências de seus elementos na identidade das mulheres nordestinas

O primeiro emprego de minha mãe foi como bordadeira. Durante anos essa foi a nossa fonte de sustento. Sentada em um banco de madeira, que nós nordestinos conhecemos como “tamborete”, minha mãe passava horas bordando redes para vender na feira da cidade (assim como minha avó paterna fazia com as louças de barro).

Minha avó materna recebeu como legado de minha bisavó a tradição de confeccionar renda e o artesanato sempre esteve presente em nossa família. Entre fios e agulhas, as mulheres da minha casa se esforçavam diariamente para manter a tradição ao mesmo tempo que tentavam garantir sustento e lutavam para sobreviver no agreste nordestino. Na região paraibana, o tipo de renda mais comum de se produzir é a que conhecemos como renda renascença.

Figura 1 - Renda renascença



Fonte: ABRAJETPB (2024).

A história da renda pode ser muito antiga, se for considerada como uma espécie de tramas de fios que eram produzidos no período neolítico (NÓBREGA, 2005). Estima-se que a renda renascença tenha chegado ao Nordeste no século XIX.

Em minha casa, a história da renda era contada da seguinte forma: Há muitos anos atrás, existia no agreste paraibano uma moça chamada Maria. Maria era muito pobre e era mãe de 13 crianças. Abandonada pelo marido e sem fonte de sustento, um dia Maria foi à igreja do vilarejo em que morava, e em prantos, pediu para que Padre Cícero e Deus lhe ajudassem, pois ela estava passando maus bocados com seus filhos. Castigados pela seca, pela fome e pela pobreza, Maria pediu para Padre Cícero, que ela apelidou carinhosamente de “Padim Ciço”, fizesse com que ela conseguisse de alguma forma arrumar dinheiro para comprar comida para sua família. Ao retornar para casa, já tarde da noite, Maria se deparou com um baú reluzente, no meio da estrada. Curiosa, ela abriu o objeto e dentro dele tinha um punhado de moedas de ouro e um pergaminho enrolado em uma fita vermelha.

Ao abrir o pergaminho, Maria leu a carta que estava dentro do baú e nela continha informações sobre a história de uma técnica especial de bordado que havia vindo de um lugar muito distante. Inspirada por essas palavras, Maria decidiu trazer essa arte para sua comunidade. Com paciência e dedicação, Maria começou a ensinar suas amigas a arte da renda renascença. Elas se reuniam sob a sombra de um juazeiro, árvore típica da região Nordeste, compartilhavam histórias enquanto entrelaçavam fios e criavam padrões magníficos. À medida que a notícia se espalhava, outras comunidades da região do cariri se encantavam com a beleza das rendas e buscavam aprender a técnica.

A renascença é um tipo de renda de agulha, que mantém o mesmo princípio formal das outras rendas de sua classe, as quais são constituídas basicamente por desenhos concêntricos, de onde se projetam linhas sinuosas e divergentes. Porém, dentre todas as de sua família a renascença é tida como a de qualidade superior, haja vista seu árduo e complexo processo de produção, sua beleza e sua delicadeza, o que se reflete diretamente em seu alto preço de mercado. (NÓBREGA, 2005, p.37).

A fabricação, produção e venda da renda renascença e dos bordados é uma das principais fontes de renda de mulheres no sertão. Atualmente a renda renascença é reconhecida como patrimônio cultural imaterial da Paraíba. Na Paraíba, estima-se que mais de três mil rendeiras em renascença, de cinco municípios do Cariri paraibano, permaneçam fazendo este artesanato na região.

A arte ancestral da renda e do bordado, cultivada com maestria pelas mãos hábeis das mulheres de minha casa, transcende não apenas os fios, agulhas e as histórias que com este ofício são contadas. Sustentam comunidades inteiras e perpetuam tradições que são passadas de geração em geração. As rendeiras são consideradas artesãs que com destreza, paciência e maestria, transformam fios em desenhos, dando vida a peças únicas. Originada de um legado que remonta a séculos, essa profissão desempenha um papel vital na preservação cultural, especialmente em regiões onde a renda é mais do que uma técnica. Além de uma atividade econômica, pode-se considerar que este costume é um ato de amor a herança cultural deixada pela ancestralidade feminina.

É importante destacar que mulheres sertanejas dedicam muito tempo a este trabalho e muitas vezes se reúnem em grupos para compartilhar histórias e saberes enquanto dão forma a peças sofisticadas e delicadas. A venda de suas criações não apenas assegura o sustento de suas famílias, mas também contribui para a continuidade dessa arte única, preservando um patrimônio precioso e rico culturalmente. O trabalho das rendeiras e bordadeiras possui uma importância multifacetada que vai além do ato de criar peças ornamentadas. Suas habilidades representam uma forma de expressão artística que muitas vezes está enraizada na história e na identidade de suas comunidades. O trabalho artesanal pode ser uma ferramenta importante para o empoderamento feminino em sociedades onde as mulheres historicamente enfrentam desafios econômicos. O trabalho das rendeiras vai muito além da criação de peças de renda. É um meio vital de preservar culturas, promover sustentabilidade econômica, empoderar mulheres e manter viva a rica tradição artesanal.

3.2 Benzedeadas/Rezadeiras: guardiãs da oralidade, tradição e cultura popular brasileira

A cultura popular se destaca não apenas por suas expressões religiosas diversificadas, mas também pelos ofícios específicos de uma época que, ao perderem relevância no espaço cultural devido à notável evolução do mundo, transformaram-se em práticas culturais. Apesar disso, essas tradições ainda desempenham um papel significativo na civilização. No Nordeste do nosso país é muito comum encontrarmos mulheres que se autodenominam benzedeiros/rezadeiras. Minha avó era benzedeira/rezadeira e este ofício foi herdado de geração em geração na nossa família. As benzedeiros/rezadeiras são mulheres geralmente mais velhas que desempenham um papel significativo nas práticas tradicionais de cura popular, especialmente em algumas comunidades rurais e interioranas. Elas são reconhecidas por suas habilidades em realizar benzeduras, rituais que envolvem rezas, gestos simbólicos e o uso de elementos naturais. Essas práticas têm raízes históricas e culturais profundas, muitas vezes associadas a crenças populares e tradições transmitidas oralmente.

É possível compreender que as práticas culturais e normas sociais são transmitidas e preservadas ao longo do tempo. Essas tradições se mantêm vivas principalmente por meio da transmissão oral, onde histórias e narrativas passam de uma geração para outra. Quando essa tradição oral é integrada pela alfabetização e pelo surgimento de materiais impressos, sejam eles livros, folhetos, cartazes, panfletos, esses produtos impressos tendem a reforçar e se alinhar com a cultura oral já existente. Sendo assim, mesmo com o avanço da alfabetização e da circulação de impressos, a cultura oral mantém uma forte influência sobre a sociedade, moldando a forma como as informações são disseminadas e recebidas.

Em um dia comum, comecei a sentir ardência nos olhos. Eu, que aparentemente tinha a visão perfeita, comecei a ter uma sensação incômoda que indicava irritação. Havia dias que eu tinha dificuldade de movimentar as pálpebras. Fui a um clínico geral que me encaminhou para um oftalmologista. Passei por diversos exames mas os médicos não conseguiam descobrir o que eu tinha. Entre procedimentos como tonometria, topografia corneana, mapeamento de retina e teste de cores, minha mãe decidiu que ao invés da medicina a melhora de minha visão viria através da fé e esperança. Decidiu então que apelaria para as rezas de minha avó, benzedeira desde os 17 anos. Lembro-me que passei por várias etapas até meu benzimento.

Entre banhos de ervas, pedidos para melhorar a Santa Luzia e orações a Padim Ciço, meu benzimento aconteceu alguns dias depois da decisão de minha mãe. Com um galho de arruda, minha avó concentrou-se na intenção por trás do benzimento com o intuito de me assegurar cura, proteção e bênçãos. O benzimento frequentemente incorpora gestos específicos, como o uso das mãos para fazer movimentos simbólicos sobre a pessoa ou objeto a ser benzido. Esses gestos podem variar e têm significados específicos. O praticante pode recitar palavras sagradas, orações específicas ou fórmulas ritualísticas durante o benzimento. Essas palavras podem ter poder simbólico ou religioso para o praticante e para quem está sendo benzido. Em algumas práticas, elementos como água, sal, ervas, óleos ou outros objetos sagrados podem ser usados como parte do benzimento, seja aspergindo-os sobre a pessoa ou objeto ou incorporando-os de outras maneiras. Muitas vezes concluído com uma expressão de gratidão às forças divinas ou energias invocadas, encerrando o ritual de maneira respeitosa. Dias depois minha visão não aparentava falhas ou adoecimento. Talvez fosse coincidência mas eu acredito fielmente que minha cura veio através das preces de minha avó. Me recordo que tempos depois eu cheguei a perguntar onde ela tinha aprendido aquele truque. E como resposta ela me disse: “Não é truque. É ensinamento, dom. Eu ouvia as mulheres mais velhas do povoado desde criança e fui aprendendo”. Com este relato, é notório perceber que a oralidade e a expressão verbal adquirem uma presença significativa nesse contexto, uma vez que, por meio das narrativas transmitidas pelas mulheres mais velhas do vilarejo durante os rituais de cura, ela foi capaz de dar continuidade aos ensinamentos recebidos. Segundo Theotônio (2010) os saberes da rezadeira são diversos, questão essa que não era enxergada pelos folcloristas que colocavam a benzedeira apenas no que eles classificavam como popular, deixando de lado um olhar para todo o seu conjunto de práticas.

Definir com precisão a religiosidade popular é uma tarefa desafiadora. Frequentemente, ela é vinculada às classes subalternas, à religiosidade tradicional e folclórica, representando a espiritualidade do homem comum desprovido de uma formação teológica específica. As classes excluídas, compreendendo as populações mais pobres, especialmente aquelas que residiam no interior do país, nas regiões costeiras e nos campos, são aqueles que vivenciam de maneira mais intensa essa religiosidade. A relação do nordestino com a fé é profundamente enraizada na cultura e na história dessa região do Brasil. A fé no Nordeste não é apenas uma

prática religiosa, mas uma teia complexa de significados que se entrelaça com aspectos culturais, sociais e emocionais. Como já foi descrito acima, as práticas religiosas em algumas culturas são transmitidas através da educação familiar, tal como ocorre em minha família.

É inegável que dentro do cenário cultural nordestino a fé não seja apenas um elemento religioso, mas um fio condutor que costura diferentes manifestações, inclusive, as artísticas. Ela se manifesta nas rezas entoadas durante as celebrações, nos gestos de devoção dos participantes e na atmosfera impregnada de espiritualidade que permeia cada evento. Sendo assim, as festas de São João, as romarias e as danças folclóricas não são apenas celebrações sazonais, mas capítulos vivos de uma história cultural contínua. Elas reforçam a identidade nordestina, conectando o presente com as raízes do passado revelando o elo vital entre as gerações transmitindo não apenas movimentos artísticos mas também narrativas e valores intrínsecos à cultura nordestina.

A vivência religiosa de mulheres rezadeiras/benzedoras está ligada a rituais católicos. Mas não devemos atribuir estas vivências apenas à ortodoxia religiosa. Por trás de cada reza, gesto e bênção, há uma trama complexa de saberes ancestrais, medicina popular e o uso de elementos simbólicos, como rezas, orações, uso de ervas, água benta, imagens, objetos, que revelam a fusão entre crenças católicas e elementos ligados a natureza, herança herdada da ancestralidade indígena e africana que aqui se entrelaçaram no período da colonização. O sincretismo religioso, pode ser classificado como um evento social que abarca os princípios de diferentes religiões, ou pode ser uma combinação de ideias diversificadas encontradas em todas as religiões. Isto é, seria a junção de dois ou mais elementos culturais divergentes em um só, deixando vestígios de suas diferentes fontes (FERRETI, 1995). Lêda Maria Martins, em seu livro “Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela” ressalta que: “Para os povos das florestas, a produção, inscrição e disseminação do conhecimento se dava, primordialmente, pelas performances corporais, por meio de ritos, cantos, danças, cerimônias sinestésicas e cinéticas” (MARTINS, 2021.p.36).

Ao falar sobre ritos religiosos, estamos citando, mesmo que indiretamente, a temática “corpo”. Corpo este que sente, que vivencia experiências. Corpo que é território sensível que abriga a complexidade da experiência humana. Falar de ritos é também falar de ancestralidade, sobretudo da ancestralidade feminina. É unir

estes dois personagens e colocá-los em um único lugar e inseri-los em um único contexto: a história oral. Neste palco, as tradições se entrelaçam com narrativas, histórias, costumes, hábitos, práticas, e experiências corporais que transcendem o tempo, transformando-se em testemunhas vivas de um legado espiritual que é passado oralmente de geração em geração. Em síntese, a ancestralidade apresenta este aspecto peculiar que une o antigo ao contemporâneo, que influencia o presente através do passado e que transcende os laços de parentesco abrangendo a história e tradição cultural, estabelecendo uma relação significativa entre os antepassados e aqueles que estão presentes e as gerações futuras. Dessa maneira, a ancestralidade se entrelaça com o conceito de tradição. Segundo Coutinho (2005, p. 86), “o termo tradição volta-se para o legado cultural de uma população, o processo de elaboração e reprodução das atividades humanas no tempo e a sua transmissão.” Relaciona-se à transmissão de ideias, normas, práticas, do patrimônio histórico-cultural de um povo.

A necessidade ancestral de narrar histórias está intrinsecamente ligada aos seres humanos. A mulher nordestina também exerce papel importante neste cenário. Neste contexto, as mulheres mostram-se como figuras principais nas narrativas, guardiãs das tradições orais que transcendem gerações. A conexão entre o feminino, o corpo, a memória e a ancestralidade trazem à tona narrativas que apenas as vozes femininas são capazes de carregar.

Dentro da religiosidade popular, a mulher assume a tarefa de ser vista como figura santa ou como figura amaldiçoada. Elas frequentemente lideram rituais, rezas e celebrações, desempenhando um papel crucial como transmissoras de tradições e guardiãs da espiritualidade familiar e comunitária. Já tivemos nossa imagem vinculada a figuras de santidade mas também, ao não nos calarmos, ao não aceitarmos limitações, ao nos impor, ao nos contrapor a práticas equivocadas, somos taxadas de loucas ou bruxas. Em muitas culturas, as mulheres são as responsáveis por rituais ligados à fertilidade, cura e proteção, destacando a conexão íntima entre a religiosidade popular e as experiências cotidianas femininas. Nas celebrações religiosas, a voz feminina ecoa cantos que visam trazer entidades e energias ancestrais em busca de cura. Nas festas juninas, as mulheres nordestinas são protagonistas nas danças de quadrilha. No artesanato as mãos habilidosas de mulheres dão formas a fios e esculpem o barro transformando-os em arte. Ao venderem seus trabalhos, transformam sua arte em sustento. Ao trazerem seu

sustento para casa, estabelecem seu meio de subsistência. E ao narrarem suas trajetórias, relatos, os mitos, as lendas, a veracidade de seu cotidiano, suas dores, suas memórias, constroem e reconstróem sua identidade em uma sociedade que muitas vezes marginaliza suas histórias e perspectivas.

4. CORPOS FEMININOS E ORALIDADE: NARRATIVAS ENTRELAÇADAS DE EMPODERAMENTO E EXPRESSÃO

O corpo feminino é um poderoso refúgio de memórias, identidades e laços ancestrais. Através da tradição oral, as mulheres trazem consigo narrativas que preservam e transmitem suas experiências de geração em geração. Em uma sociedade muitas vezes dominada por vozes masculinas, a contação de histórias orais por mulheres é capaz de romper com esse padrão de hegemonia e opressão. Durante séculos, as mulheres foram marginalizadas, silenciadas e subjugadas, e a forma como suas histórias foram transmitidas e preservadas refletiu essa desigualdade. A tradição oral pode ser uma forma de resistência, permitindo que as mulheres compartilhem suas vivências, sabedorias e perspectivas com o mundo.

A tradição oral é a grande escola da vida, e dentro dela, o espiritual e o material não estão dissociados. É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz homem à sua totalidade. Ela envolve uma presença particular no mundo, concebido como um todo onde todas as coisas se religam e interagem (Silvério, 2013, p. 56-57).

Por meio da oralidade, as mulheres têm a oportunidade de se afirmarem como agentes de mudança, construindo uma identidade positiva e sólida que reforça sua autoconfiança e autoestima. A contação de histórias orais por mulheres contribui para a coletividade e o fortalecimento dos laços sociais femininos. Ao compartilharem suas histórias umas com as outras, elas criam conexões emocionais, se apoiam mutuamente e encontram uma base de solidariedade. Esse processo coletivo possibilita a criação de redes de apoio que empoderam as mulheres, permitindo que elas enfrentem desafios e superem as adversidades juntas.

Quando contadas ou lidas em voz alta, as histórias podem vir a afetar ainda mais, pela potencialidade que a voz tem de emocionar. Isso porque a própria sonoridade das palavras acorda memórias ou auxilia na criação de imagens pelas paisagens sonoras formadas (Finardi, 2015, p. 81).

Portanto, é possível perceber o poder que a oralidade exerce sobre a vivência de uma história. Quando contadas ou lidas em voz alta, ela ganha uma dimensão mais forte e consistente de impacto emocional. A voz humana tem a capacidade de explorar tonalidades, nuances, ritmo, ênfase e pausas, que podem provocar emoções e sensações específicas. As paisagens sonoras são capazes de estimular imagens mentais e cenários específicos na memória de cada ouvinte, possibilitando assim, uma melhor experiência narrativa e tornando mais rica e mais envolvente emocionalmente.

Outro aspecto essencial da contação de histórias orais por mulheres é sua capacidade de preservar a memória coletiva feminina. Muitas vezes, a história oficial e escrita negligencia ou invisibiliza as experiências femininas, perpetuando assim a marginalização das mulheres. A tradição oral, por sua vez, permite que as mulheres sejam protagonistas de sua própria trajetória. Ao compartilharem suas histórias, elas garantem que suas vivências sejam lembradas e valorizadas, enriquecendo a compreensão e a narrativa do passado.

O corpo feminino serve como testemunho do poder da memória, identidade e ancestralidade. Por meio da tradição oral, as mulheres preservam suas histórias, conectando o passado com o presente e abrindo caminho para o futuro. Essas narrativas reforçam identidades individuais e coletivas, desafiam narrativas dominantes e inspiram resistência. À medida que as mulheres continuam a compartilhar suas experiências, lutas e triunfos, o corpo feminino continua sendo um canal através do qual a rica tapeçaria de histórias e sabedoria feminina será preservada para sempre.

4.1. Corpos femininos e oralidade: narrativas entrelaçadas de empoderamento e expressão

As narrativas orais se destacam como um meio eficaz de transmitir histórias e tradições culturais. A palavra falada tem a capacidade única de envolver e conectar

peessoas, criando experiências compartilhadas que vão além do simples ato de contar histórias, pois agrega valor emocional e cultural. A interação direta entre narrador e público permite que as histórias se adaptem ao contexto, mantendo vivas as tradições e fortalecendo os laços comunitários transmitidos de geração em geração.

Acredito ser as narrativas orais, uma das formas mais eficientes na transmissão das tradições culturais, que com a sua forma tão peculiar, não acredito, possa ser substituída por outros meios de transmissão. (Apêndice C, Rose Costa, 2024).

Ao contarem suas próprias histórias, as mulheres podem reivindicar sua voz, expressando suas opiniões, desejos e lutas. Essas narrativas orais desafiam os estereótipos de gênero, desconstruindo as construções sociais limitantes que restringem o potencial feminino. Em seu texto “O Narrador”, Walter Benjamin (1983) diz:

A narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro “em si” da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro. A narração é uma arte artesanal. [...] A tradição oral [...] lenta superposição de camadas finas e transparentes, oferece a imagem mais exata da maneira pela qual a narrativa perfeita emerge da estratificação de múltiplas renarrações.

Quando alguém conta uma história, não está apenas dando informações diretas como em um relatório, ou uma conversa informal. Em vez disso, a pessoa mergulha na história e a molda com suas próprias experiências. A narrativa, então, carrega a marca única da pessoa que a conta. A tradição oral é como construir camadas em cima de camadas ao longo do tempo. Cada vez que alguém conta a história novamente, adiciona um pouco mais a ela, como colocar uma camada fina e transparente sobre a outra. Esse processo lento e gradual nos dá a imagem mais clara de como uma narrativa perfeita emerge da acumulação da contação das mesmas histórias por pessoas diferentes. Ou seja, é sempre bom nos atentarmos para o fato de que quando ouvimos uma história que foi passada por gerações, é como se estivéssemos vendo todas essas camadas, cada uma adicionando algo especial à história.

Por meio da oralidade, as mulheres têm a oportunidade de se afirmarem como agentes de mudança, construindo uma identidade positiva e sólida que reforça

sua autoconfiança e autoestima. A contação de histórias orais por mulheres contribui para a coletividade e o fortalecimento dos laços sociais femininos.

Eu acredito que as narrativas orais como os contos, as lendas, os causos, influenciam as mulheres, influenciam suas percepções, suas expectativas, influenciam nossa identidade. Quando nós escutamos uma música que fala sobre a força da mulher nordestina nós nos sentimos representadas. Quando ouvimos histórias de outras mulheres nordestinas e nos identificamos, isso potencializa a nossa força, pois nos mostra que não estamos sozinhas. As narrativas orais nos ajudam a entender nosso lugar e a buscar lugares novos, a lutar pelos nossos direitos, a reivindicar aquilo que é nosso e a compreender o nosso lugar de fala. (Apêndice B, Ozenaide Santos Pereira, 2024).

Ao compartilharem suas histórias umas com as outras, elas criam conexões emocionais, se apoiam mutuamente e encontram uma base de solidariedade. Esse processo coletivo possibilita a criação de redes de apoio que empoderam as mulheres, permitindo que elas enfrentem desafios e superem as adversidades juntas.

Quando contadas ou lidas em voz alta, as histórias podem vir a afetar ainda mais, pela potencialidade que a voz tem de emocionar. Isso porque a própria sonoridade das palavras acorda memórias ou auxilia na criação de imagens pelas paisagens sonoras formadas. (FINARDI, 2015, p. 81).

De acordo com Koudela e Almeida Junior (2015), os conhecimentos que são transmitidos oralmente por uma pessoa que conta histórias são configurados simbolicamente em estruturas narrativas. Isso significa que a oralidade não apenas comunica informações de forma direta, mas também molda esses conhecimentos de maneira simbólica por meio de histórias estruturadas. A narrativa pode ser compreendida como aquilo que é compartilhado ao contar histórias, ou seja, o que a pessoa que conta compartilha com outra pessoa ou com um grupo de ouvintes. Contudo, esse elemento compartilhado possui uma forma, uma estrutura, especialmente nas narrativas tradicionais, que permanece aberta à interpretação do contador e ao contexto em que a situação narrativa se desenrola.

[...] a importante relação entre a histórias, as palavras, a voz, o corpo e a memória. As histórias são mágicas, nos fazem imaginar, frequentar outros mundos, ampliar ou reconhecer o nosso mundo, resgatar a nossa identidade. A ação de contar histórias propicia uma vivência comunitária quase perdida na aceleração da vida moderna. É a possibilidade que temos de falar, ouvir e fantasiar sem estarmos mediados por aparelhos. Trata-se de uma ação que nos remete a um tempo em que as pessoas se reuniam em torno da fogueira para contar histórias que ouviram de seus

antepassados e assim manter seus laços ancestrais. (FINARDI, 2015, p. 80, 81).

Na reflexão sobre a prática da contação de histórias, denominamos como narrativas tradicionais os contos populares que pertencem à cultura oral. Esses se diferenciam dos contos literários, que fazem parte da cultura escrita. Na transmissão de valores culturais e na expressão da imaginação humana, os contos literários e os contos populares são duas formas distintas de narrativa que desempenham papéis cruciais na transmissão da herança cultural deixada em nossas memórias.

É memória. Somos, enfim, produtores de memória. Os narradores e os contadores de histórias são produtores de memória, em diferentes épocas e contextos. Promovem a circulação, o intercâmbio de acervo. (GREGÓRIO FILHO, 2015, p.51)

Cada uma dessas modalidades possui características únicas que moldam a maneira como as histórias são contadas, recebidas e preservadas ao longo do tempo. Enraizados na tradição escrita, os contos literários refletem, muitas das vezes, as preocupações, os anseios, os interesses e as inquietações da sociedade em uma determinada época. Escritos por autores individuais, esses contos frequentemente exploram a complexidade da condição humana, oferecendo a percepção sobre as emoções, os conflitos e os dilemas enfrentados pelos personagens. A linguagem requintada e a estrutura cuidadosamente elaborada caracterizam os contos literários, que têm o propósito de entreter, provocar reflexão e proporcionar uma experiência estética. Já os contos populares têm suas raízes vinculadas na tradição oral, sendo transmitidas através das gerações por meio da fala e da escuta. Os contos populares capturam a essência das experiências compartilhadas por comunidades inteiras, refletindo valores culturais, crenças e mitologias. Sua maleabilidade permite que sejam moldados de acordo com as necessidades da comunidade, mantendo-se relevantes em diferentes contextos e épocas. Ambas as formas de contar histórias desempenham papéis complementares na construção da riqueza cultural da humanidade (Café, 2020). Enquanto os contos literários exploram a singularidade da visão individual e a expressão artística, os contos populares preservam a sabedoria coletiva, conectando as pessoas através do tempo e do espaço. Essas duas tradições, embora distintas, contribuem para a diversidade narrativa que enriquece a compreensão humana e perpetua a magia atemporal das histórias. Ao

considerarmos a prática da contação de histórias, é crucial reconhecer e celebrar o papel das mulheres como guardiãs e transmissoras das narrativas tradicionais, contribuindo assim para a preservação viva da rica herança cultural oral.

As vozes femininas ecoam nas tradições orais. Guardiãs de narrativas que exploram a identidade, a memória, a ancestralidade e os valores ao longo do tempo, as mulheres que narram histórias carregam consigo o poder da palavra e personificam em suas trajetórias a ideia de que as narrativas não pertencem a um único indivíduo, mas são construções compartilhadas pela comunidade. “Realidade e fantasia mesclam-se na memória. A concretude e a interpretação da realidade que vivemos, daquilo que vivemos e sonhamos, é que constituem a nossa história” (FINARDI, 2015, p. 82).

Essas mulheres muitas vezes desempenham o papel de contadoras de histórias não apenas como uma atividade, mas como uma contribuição ativa para a coesão social e a preservação da memória cultural.

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”. Diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1987, p. 198, 199)

Moldadas pela experiência coletiva, a tradição oral feminina é mais do que apenas entretenimento; é um ato de preservação cultural que conecta as pessoas ao passado, fortalecendo a identidade da comunidade. A ausência de autoria individual ressalta a ideia de que essas histórias pertencem à coletividade, incentivando a participação ativa de todos na sua preservação e evolução.

A narrativa, que durante muito tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade – é, ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1987, p.205).

A oralidade feminina quebra o silêncio presente na história. História essa que por inúmeras vezes cala, marginaliza e interrompe as vozes femininas. Outro

aspecto essencial da contação de histórias orais por mulheres é sua capacidade de preservar a memória coletiva feminina. Santos (2013), também evidencia o legado da mulher como contadora de histórias ao salientar que:

As mulheres, pelo tanto que agregaram valores às diversas gerações, ao passar nos espaços particulares e públicos o que aprenderam com a tradição, merecem um lugar de destaque no universo dos narradores e das narrativas de tradição oral (SANTOS, 2013, p.68).

Muitas vezes, a história oficial e escrita negligencia ou invisibiliza as experiências femininas, perpetuando assim a marginalização das mulheres. A tradição oral, por sua vez, permite que as mulheres sejam protagonistas de sua própria trajetória. Ao compartilharem suas histórias, elas garantem que suas vivências sejam lembradas e valorizadas, enriquecendo a compreensão e a narrativa do passado. O corpo feminino serve como testemunho do poder da memória, identidade e ancestralidade. Por meio da tradição oral, as mulheres preservam suas histórias, conectando o passado com o presente e abrindo caminho para o futuro. Essas narrativas reforçam identidades individuais e coletivas, desafiam narrativas dominantes e inspiram resistência. À medida que as mulheres continuam a compartilhar suas experiências, lutas e triunfos, o corpo feminino continua sendo um canal através do qual o rico amontoado de histórias e sabedoria feminina será preservado para sempre.

Cresci ouvindo as histórias de luta da minha mãe. Escutava sobre as léguas que ela caminhava para buscar lenha para utilizar no fogão, o quanto ela caminhava para buscar água para fazer os afazeres domésticos e cuidar dos filhos, escutei muitas histórias sobre as agressões que ela sofria. Isso me faz pensar em como a cultura mudou. Como as mulheres passaram a ser tratadas com mais dignidade do que naquela época. Essas histórias, baseadas nas experiências cotidianas e pessoais da minha mãe me fizeram perceber que eu precisava ser ouvida e que não devia ficar calada diante das atrocidades que eram cometidas contra mim. Compreendia tudo o que me era contado e me negava a passar por situações parecidas com as quais minha mãe passou. (Apêndice A, Maria Paula Silva Sousa, 2024).

De acordo com Josso (2010, p. 40) “os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”.

As histórias de vida, contadas por nossas mães e avós, não apenas moldam nossa compreensão do passado, mas também definem como enfrentamos as adversidades e como construímos nossa própria identidade.

Eu considero a minha história um exemplo de como a oralidade tem um papel importante na nossa vida. Minha infância foi muito boa, foi maravilhosa. Quando criança eu não sabia que minha mãe era a minha mãe. Minha avó me contou que ela tinha me achado em cima de um pé de carnaúba. Eu fui crescendo e continuei sem saber que minha mãe era minha mãe. Acreditei por muitos anos que eu realmente tinha sido encontrada debaixo de um pé de carnaúba e que minha avó tinha me achado. Eu tenho 4 irmãos e só descobri que minha mãe era de fato minha mãe com 15 anos de idade. Isso aconteceu por problemas psicológicos que minha mãe desenvolveu durante a minha gestação. Mas isso me colocou num lugar de conforto, pois eu era uma criança que tinha sido rejeitada pela mãe desde o nascimento. Eu acredito que se na minha infância eu soubesse disso eu me sentiria frustrada, eu ficaria arrasada. A história que minha avó me contou sobre o pé de carnaúba fez com que eu me sentisse especial, diferente. (Apêndice B, Ozenaide Santos Pereira, 2024).

Os contos e as histórias que ouvimos durante a infância, desempenham um papel crucial no processo de compreensão da nossa identidade. Através destas narrativas, começa-se a compreender o mundo ao seu redor e a experienciar o desenvolvimento da identidade feminina. As narrativas orais têm o poder de dar significado e ressignificar as experiências individuais e coletivas.

Eu acredito que as narrativas orais como os contos, as lendas, os causos, influenciam as mulheres, influenciam suas percepções, suas expectativas, influenciam nossa identidade. Quando nós escutamos uma música que fala sobre a força da mulher nordestina nós nos sentimos representadas. Quando ouvimos histórias de outras mulheres nordestinas e nos identificamos, isso potencializa a nossa força, pois nos mostra que não estamos sozinhas. As narrativas orais nos ajudam a entender nosso lugar e a buscar lugares novos, a lutar pelos nossos direitos, a reivindicar aquilo que é nosso e a compreender o nosso lugar de fala. (Apêndice B, Ozenaide Santos Pereira, 2024).

As narrativas orais funcionam como ferramenta apaziguadora na troca direta de experiências. Essa forma de comunicação imediata e autêntica facilita a conexão emocional, enriquecida pela linguagem corporal, tom de voz e expressões faciais que acompanham a narrativa. Ao contar e ouvir histórias, os participantes encontram pontos comuns de experiência e emoção, o que pode reduzir tensões e resolver conflitos. Além disso, a interação dinâmica entre narrador e interlocutor, com perguntas e reflexões sobre o que foi ouvido, fortalece os laços sociais, criando um ambiente de confiança e apoio mútuo. Assim, as narrativas orais não só preservam memórias e tradições, mas também constroem entendimentos e solidariedade, promovendo a coesão social e cultural.

Nessa perspectiva, ao narrar podemos apresentar nossa cultura, nossas experiências, nossas lembranças e utilizar nossa memória como instrumento de

resgate e reflexão. Diante da multiplicidade da oralidade, é importante ressaltar também que as narrativas orais atuam como meio indispensável na transmissão de histórias, da cultura e dos valores que estão presentes na região Nordeste. As histórias contadas por avós, pais e outros membros mais velhos da comunidade guardam narrativas de tempos passados, batalhas enfrentadas, conquistas e tradições que poderiam se perder com o tempo. Essas histórias mantêm viva a história regional e proporcionam uma conexão direta com as gerações anteriores.

Ao fazer uma análise histórica, observa-se a existência de um cenário desigual e injusto para as mulheres, sobretudo para as mulheres nordestinas. Devido a uma combinação de fatores estruturais, sociais, econômicos, políticos e culturais, ser mulher torna-se sinônimo de discriminação e desigualdade. A luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade data de séculos atrás. A oralidade nos ajuda a compreender de forma histórica, desde as mulheres acusadas de bruxaria na Idade Média até as sufragistas que lutaram nas ruas pelo direito ao voto, o quão opressor era o cenário social instituído para o sexo feminino. A característica geral da oralidade está ligada a transmissão de conhecimentos, valores, tradições e histórias através das vozes e da comunicação verbal. Percebe-se então que existe uma ligação direta entre as palavras, a fala e os corpos femininos que formam o Brasil.

Ao analisar as entrevistas é possível identificar vários elementos em comum, destacando aspectos importantes das narrativas orais na transmissão de valores culturais, de histórias e das trajetórias feminino nordestinas das mulheres entrevistadas. Sobre a valorização da oralidade, é possível compreender que as entrevistadas enfatizam a importância das narrativas orais, que entendem que a comunicação verbal é um poderoso meio de transmissão de tradições culturais e reconhecem a importância das narrativas orais para preservar memórias e valores. Nota-se a influência familiar implícita na valorização das narrativas orais, muitas vezes transmitidas de geração em geração, por membros mais velhos da família. É interessante perceber as nuances da oralidade.

Destaca-se também as histórias de luta e resistência diante de determinadas situações e como essas narrativas são fundamentais para a memória coletiva e a representação das mulheres na cultura nordestina. Há um consenso de que as narrativas orais têm o poder de empoderar as mulheres e fortalecer sua identidade. As respostas mencionam que ao ouvir e compartilhar histórias de outras mulheres

cria-se um senso de acolhimento, solidariedade e reconhecimento, que é crucial para a construção da identidade e da autonomia feminina. As respostas enfatizam a necessidade de referências positivas e a formação crítica, indicando que histórias de superação e resistência são essenciais para a educação e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões de gênero e convergem na ideia central de que as narrativas orais são fundamentais para fortalecer a autoestima, a autonomia e a identidade das mulheres nordestinas. Elas ressaltam a importância de contar histórias de resiliência e superação, proporcionando modelos inspiradores e subvertendo as normas sociais que tradicionalmente limitam a participação feminina. Ao fazê-lo, essas narrativas não só preservam a memória histórica, mas também promovem a construção de uma identidade feminina forte e autônoma, conectada com a cultura e os valores locais.

Em determinados momentos, as entrevistadas apontam exemplos de mulheres que superaram desafios significativos, como Ana Nery e Maria Bonita, bem como experiências pessoais de luta e superação. Essas histórias servem como modelos inspiradores para outras mulheres, mostrando a capacidade de enfrentar adversidades e conquistar autonomia. As narrativas orais contribuem para fortalecer a autoestima e empoderar as mulheres, conectando-as com suas raízes e oferecendo exemplos de força e resistência. A transmissão dessas histórias ajuda a construir uma identidade feminina forte e resiliente. Nota-se que as respostas mencionam a importância da transmissão de conhecimento e valores de geração em geração. Seja através de contação de histórias em escolas, ensino de rezas tradicionais ou compartilhamento de experiências pessoais, a oralidade desempenha um papel crucial na educação informal e no fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

Verifica-se então que a prática da oralidade vem crescendo gradativamente, refletindo uma maior conscientização sobre a importância de transmitir as experiências das mulheres. Esse avanço demonstra uma valorização crescente das narrativas orais como meio de preservar a memória cultural e destacar a contribuição feminina, que antes podia ser subestimada ou esquecida. As mudanças podem incluir uma maior formalização dessas práticas em ambientes educacionais, eventos culturais e até na mídia, garantindo que as histórias sejam passadas para as novas gerações de maneira mais estruturada e abrangente, acompanhando a dinâmica social.

As narrativas orais possibilitam exemplos de comportamento e inspiração que encorajam outras mulheres a fazer o mesmo. Elas ajudam a desmistificar estereótipos negativos, promovendo uma imagem mais positiva e empoderada da mulher nordestina. Além disso, ao perpetuar práticas culturais que valorizaram e celebraram a contribuição feminina, as narrativas orais atuam como um meio de resistência cultural contra a marginalização e a opressão. Ao transmitir conhecimentos, valores e tradições de geração em geração, as narrativas orais mantêm viva a herança cultural e contribuem para a formação de uma identidade coletiva forte. Para as mulheres, em particular, essas narrativas oferecem exemplos de resiliência e força, ajudando-as a reconhecer e valorizar sua própria capacidade de enfrentar desafios. Isso não apenas promove a autoestima e a autonomia feminina, mas também fortalece a coesão social e a continuidade cultural, essenciais para a saúde e o desenvolvimento de qualquer comunidade. Entende-se, portanto, que a oralidade feminina é uma prática ancestral que preenche e completa a preservação da memória afetiva e cultural das comunidades.

Através das narrativas orais, as mulheres transmitem saberes, histórias, tradições e valores de geração em geração, mantendo viva a essência de sua identidade e fortalecendo a teia social a qual pertencem. Carregado de memória afetiva, lembranças e ancestralidade, a oralidade tende a se revelar como um conjunto de lembranças e sentimentos ligados a experiências vividas, que são frequentemente evocadas por meio de histórias contadas e recontadas. Para muitas mulheres, essas histórias são um legado valioso recebido de suas mães, avós e outras figuras femininas importantes em suas vidas. Elas incluem contos de infância, lendas locais, receitas culinárias, rezas, cantigas e causos que carregam consigo não apenas informações históricas, mas também o calor das emoções e das relações que marcaram essas vivências. Através da oralidade, as mulheres têm a oportunidade de compartilhar suas experiências pessoais e coletivas, criando uma conexão profunda com suas ouvintes. Esse processo não apenas fortalece laços familiares e comunitários, mas também empodera as mulheres ao reconhecer e valorizar suas vozes e suas histórias. A prática da oralidade permite que as mulheres ocupem um espaço de protagonismo na transmissão cultural, desafiando frequentemente o silenciamento imposto por estruturas sociais patriarcais.

Além disso, a oralidade feminina é uma ferramenta poderosa de resistência e resiliência. Em muitas comunidades nordestinas, onde o acesso à educação formal

pode ser limitado, as histórias contadas pelas mulheres são uma fonte vital de conhecimento e sabedoria. Elas ensinam sobre a importância da solidariedade, da coragem e da capacidade de superação diante das adversidades. Essas narrativas frequentemente celebram as heroínas anônimas do cotidiano – mulheres que, com força e determinação, cuidam de suas famílias, enfrentam dificuldades econômicas e lutam por um futuro melhor. A memória afetiva evocada pela oralidade feminina também tem um impacto profundo na construção da identidade. Ao ouvir histórias sobre suas ancestrais, as jovens mulheres aprendem sobre suas raízes e desenvolvem um senso de pertencimento e orgulho em relação à sua herança cultural. Essas histórias servem como um espelho no qual elas podem ver refletidas suas próprias experiências e aspirações, fortalecendo sua autoestima e sua capacidade de agir no mundo.

Em síntese, a oralidade feminina é um elemento essencial na preservação da memória afetiva e cultural. Ela promove a continuidade das tradições, empodera as mulheres, fortalece a identidade coletiva e oferece uma poderosa resistência contra a marginalização e o esquecimento. Ao manter viva a chama das histórias e das memórias, as mulheres garantem que suas vozes continuem a ser ouvidas e respeitadas, construindo um legado duradouro para as futuras gerações.

4.2 O papel pedagógico da oralidade no ambiente escolar: construindo laços e fortalecendo vínculos de aprendizado

A língua, como ferramenta de interação social, pode se manifestar de várias formas. Entre essas, a oralidade é uma das mais expressivas. No cotidiano, utilizamos a fala para nos comunicar, seja para expressar pensamentos e ideias, argumentar, contar casos do nosso dia a dia, compartilhar histórias familiares, etc. Considerada uma atividade verbal que ocorre em diversas situações sociais nas quais o indivíduo se envolve ao longo de sua vida, a oralidade é o principal meio de transmissão dos conhecimentos preservados na memória humana. Ferramenta essencial para que os educandos possam aumentar suas oportunidades de inserção e participação em diversas práticas sociais, a linguagem falada se destaca dentro do ambiente escolar como sendo um processo natural do desenvolvimento educacional dos alunos. Segundo Roncato e Lacerda (2005), a capacidade de desenvolvimento

de linguagem nas crianças é marcada pelas possibilidades de trocas verbais e discursivas e o adulto ou o professor tem uma função importante nesse processo no âmbito escolar, podendo promover uma série de atividades para essa evolução.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância da oralidade como uma ferramenta fundamental para a expressão, comunicação e aprendizado dos alunos. Além disso, a BNCC enfatiza que a oralidade é uma forma essencial de expressão artística. Por meio da fala, os alunos podem compartilhar suas experiências, interpretar obras de arte, discutir suas criações e refletir sobre os processos artísticos. No campo educacional, o teatro e a oralidade atuam como recurso didático pedagógico para o desenvolvimento dos estudantes no contexto educativo. O método de aprendizagem teatral contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, integrando conhecimentos artísticos e acadêmicos. Reverbel (1997) enfatiza que:

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas. (p.25)

A BNCC sugere ainda que a abordagem das linguagens deve integrar seis dimensões do conhecimento, que de maneira inseparável e simultânea, definem a singularidade da experiência artística. Essas dimensões abrangem os conhecimentos das Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, assim como as aprendizagens dos alunos em diferentes contextos sociais e culturais. Essas dimensões não são eixos temáticos ou categorias, mas sim linhas flexíveis que se interconectam, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há hierarquia entre essas dimensões, nem uma ordem específica para abordá-las no campo pedagógico. As dimensões do conhecimento são constituídas por: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. A integração das diferentes dimensões do conhecimento artístico com a oralidade permite que todas as vozes sejam valorizadas e reconhecidas.

A presença da oralidade feminina nas atividades artísticas escolares contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e equitativo, onde as experiências e saberes das mulheres são reconhecidos como parte essencial do currículo. Essa abordagem promove não apenas o desenvolvimento

artístico dos alunos, mas também fortalece a identidade e a autoestima das alunas, proporcionando-lhes um espaço seguro para explorar, expressar e afirmar suas vozes.

Atrelados um ao outro, a oralidade e o teatro quebram os paradigmas do senso comum que acredita que não há necessidade de ensinar aos alunos maneiras para se expressarem, tendo em vista que eles já chegam à escola com essa habilidade desenvolvida, sabendo como opinar, comunicar situações, solicitar, explicar, entre outras formas de gênero que compõem a modalidade oral. Dentro das Artes Cênicas encontram-se diversas maneiras de se trabalhar a modalidade oral. Das diversas atividades pedagógicas promovidas pelo teatro, tais como leituras dramáticas, monólogos, jogos de imitação, dramatização de cenas, entre outros, destaca-se a contação de histórias.

Contar histórias é uma forma de arte popular que traz prazer e emoções tanto para quem conta quanto para quem ouve. É uma prática social, educativa e interativa que ajuda os educandos a desenvolverem a concentração e a oralidade. A contação de histórias desperta a imaginação das crianças, aprimorando suas habilidades de falar e ouvir. Durante o ato de contar histórias, tanto crianças quanto adultos se concentram e, a partir do que escutam, imaginam e criam narrativas. Para os estudantes que ainda não dominam a leitura, a contação de histórias serve como uma introdução ao mundo da leitura, permitindo-lhes experimentar a leitura oral de forma concreta.

O ato de contar histórias é concebido por muitos contadores como algo mágico, que envolve crianças e adultos, na mesma energia vital, na mesma intenção de imaginar e de criar, com base no que ouvem, as imagens construídas pela sua voz. [...] Para as crianças que ainda não leem, ouvir a narrativa pressupõe um primeiro nível de leitura, em que o ouvinte, conhecendo o enredo da história, passa a imaginar as cenas, as personagens e os detalhes específicos de cada um. (SILVEIRA, 2012. p.169).

Nesta perspectiva é possível notar que ao contar histórias para alunos da educação infantil, por exemplo, forma-se uma conexão energética entre crianças e adultos, unindo-os na intenção de imaginar e criar. Quando ouvem as histórias, os interlocutores visualizam as imagens descritas pela voz do contador. Para crianças que ainda não sabem ler, ouvir histórias é como um primeiro passo na leitura. Ao conhecerem o enredo, elas começam a imaginar as cenas, os personagens e os detalhes específicos, desenvolvendo sua capacidade de visualização e

compreensão narrativa. Para aqueles que já são alfabetizados, o ato de participar de rodas de contação de histórias continua a ser uma experiência enriquecedora. Além de estimular a imaginação e a criatividade, ouvir histórias fortalece a compreensão auditiva e expande o vocabulário. Os ouvintes alfabetizados podem apreciar nuances mais complexas da narrativa, como a estrutura da história, o desenvolvimento dos personagens e os temas subjacentes. Além disso, essa prática reforça habilidades de leitura e interpretação, permitindo que eles façam conexões entre o texto oral e o escrito, aprofundando sua compreensão e apreciação da literatura.

A relação dos corpos femininos e suas vozes dentro da educação, seja no ensino básico ou no ensino superior é fundamental para a construção de um ambiente inclusivo e igualitário. A oralidade feminina desempenha um papel crucial nesse contexto, pois permite que as mulheres compartilhem suas experiências, conhecimentos e perspectivas de maneira autêntica e poderosa. Na educação básica, as meninas têm a oportunidade de aprenderem desde cedo a valorizarem suas vozes, a se expressarem com confiança e se fazerem presentes diante das situações que eventualmente possam aparecer.

Dentro deste contexto, a oralidade permite que as estudantes desenvolvam suas habilidades de comunicação e se tornem conscientes da importância que suas vozes e histórias pessoais têm dentro do ambiente escolar. A arte de contar histórias tem valor ancestral e contínuo e um papel crucial na formação do imaginário coletivo e na construção da identidade e afetividade feminina. Contar histórias não é apenas um ato de comunicação, mas também uma prática cultural que conecta narradores e ouvintes, criando tramas que atravessam gerações. Desde a infância, essa prática contribui para moldar nossa percepção do mundo, permitindo-nos explorar diferentes realidades e refletir sobre elas.

O poder do teatro reside na sua capacidade de transformar e tocar profundamente aqueles que o vivenciam, seja no palco ou na plateia. Através do teatro, os alunos são estimulados a explorar suas emoções, a entender o outro e a ver o mundo sob diferentes perspectivas. Sentir a arte é mais do que ver ou ouvir. É experienciar a essência das expressões humanas. A oralidade feminina, nesse contexto, ganha destaque especial. As vozes das mulheres, com suas histórias de resistência, superação e afeto, trazem à tona narrativas que muitas vezes foram silenciadas. No ambiente escolar, essa oralidade não só enriquece o currículo, mas

também empodera as alunas, oferecendo-lhes modelos de identificação e inspiração. O poder da arte e da oralidade feminina reside na sua capacidade de transformar o cotidiano, promover a inclusão e a equidade, e construir uma sociedade mais sensível e justa.

Sendo a arte a concretização dos sentimentos em formas expressivas ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não passíveis de simbolização conceitual. A linguagem toma o nosso encontro com o mundo e o fragmenta em conceitos e relações que se oferecem à razão, ao pensamento. Enquanto a arte, procura reviver em nós este encontro, este “primeiro olhar”, sobre as coisas, imprimindo-o em formas harmônicas. Através da arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos, naquilo que escapam a linearidade da linguagem. Quando na experiência estética, meus sentimentos entram em consonância (ou são despertados) por aqueles concretizados na obra, minha atenção se focaliza naquilo que sinto. (DUARTE JÚNIOR, 1994. pág. 65).

Sentir a arte é uma experiência imersiva que vai além do simples ato de observar ou ouvir. Ela envolve uma profunda conexão emocional e sensorial com a expressão artística, seja no teatro, na música, na dança ou nas artes visuais. No contexto escolar, essa imersão ajuda os alunos a explorarem e compreender suas próprias emoções e as dos outros, promovendo uma visão mais ampla e empática do mundo. O poder do teatro está em sua capacidade de proporcionar essas experiências transformadoras.

O teatro permite que os alunos se coloquem no lugar de outras pessoas, compreendam diferentes perspectivas e desenvolvam habilidades emocionais e sociais importantes. Além disso, o teatro incentiva a expressão criativa e a comunicação, habilidades essenciais para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes. A contação de histórias é uma prática educativa poderosa que conecta gerações, transmitindo valores e saberes de forma lúdica e afetiva. Ela estimula a imaginação, a concentração e a empatia, ajudando os alunos a desenvolverem habilidades de comunicação e a se conectarem emocionalmente com o conteúdo. Sentir a arte é, portanto, uma experiência essencial que vai além do aprendizado cognitivo, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos.

A oralidade feminina é uma dimensão crucial dessa experiência artística e educativa. As histórias contadas por mulheres trazem consigo uma rica bagagem de experiências, emoções e perspectivas que muitas vezes foram marginalizadas e silenciadas na sociedade. As histórias de resistência, superação e afeto contadas por mulheres servem de inspiração e modelo para as alunas, mostrando-lhes que

suas vozes e experiências são valiosas e dignas de serem ouvidas e compartilhadas.

A oralidade feminina ajuda a promover a inclusão e a equidade ao trazer para o centro do discurso escolar as narrativas e perspectivas das mulheres, muitas vezes sub-representadas na história e na literatura. As histórias contadas por mulheres têm o poder de transformar o cotidiano escolar ao promover uma visão mais sensível e justa da sociedade. Elas ajudam a construir uma cultura escolar mais empática e respeitosa, onde as diferenças são valorizadas e celebradas. As histórias de vida e os ensinamentos transmitidos pelas mulheres criam uma conexão emocional profunda entre os alunos e o conteúdo, facilitando o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo reafirmam o poder transformador da oralidade como ferramenta de empoderamento das mulheres nordestinas. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que as narrativas orais não apenas preservam memórias e tradições culturais, mas também funcionam como um meio de resistência e autoafirmação. Por meio das histórias compartilhadas, as mulheres reivindicam suas vozes, constroem identidades fortes e criam laços de solidariedade que as fortalecem em suas lutas cotidianas.

A tradição oral emerge como uma forma de comunicação que vai além da simples transmissão de informações; ela envolve a experiência, a emoção e a cultura, permitindo que as histórias sejam adaptadas e moldadas conforme o contexto em que são contadas. Esse processo garante a continuidade das tradições e a manutenção de uma memória coletiva viva e em constante evolução.

A pesquisa demonstra que, em um mundo onde as narrativas femininas muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas, a oralidade oferece um espaço onde essas vozes podem ser ouvidas e valorizadas. As histórias de vida das mulheres nordestinas revelam uma força inabalável e uma resistência que desafiam as estruturas de opressão e hegemonia. A prática de contar histórias se torna, assim, um ato de empoderamento, onde cada palavra e cada memória partilhada reforçam a identidade e a autoestima das mulheres.

Além disso, a valorização da oralidade na educação, como proposto ao longo do estudo, pode transformar o ambiente escolar em um espaço mais inclusivo e equitativo. Ao integrar as narrativas femininas no currículo, promove-se a construção de uma sociedade onde a diversidade de vozes e experiências é respeitada e celebrada. Esse processo educacional crítico e participativo contribui para a formação de cidadãos conscientes e engajados na luta contra as desigualdades de gênero e outras formas de opressão.

Ao explorar a oralidade como ferramenta de empoderamento, este trabalho evidenciou como as narrativas orais das mulheres não apenas preservam a história e a cultura, mas também desafiam as estruturas de silenciamento impostas pela sociedade. As histórias contadas pelas mulheres nordestinas carregam consigo experiências de resistência, superação e afeto, oferecendo modelos de identificação e inspiração para as novas gerações. No ambiente escolar, a inclusão dessas vozes femininas é essencial para a criação de um espaço educativo mais inclusivo e equitativo, onde as diversidades de experiências são valorizadas e respeitadas. A presença de docentes femininas reforça a importância de incluir essas narrativas no ambiente escolar, tornando o espaço educacional um reflexo mais fiel da sociedade, onde as histórias e as vozes femininas desempenham um papel central na formação de indivíduos mais conscientes e empáticos.

A pesquisa também ressaltou a interconexão entre a oralidade e a educação, especialmente através da arte. O teatro e a contação de histórias se destacam como práticas pedagógicas que não apenas incentivam a expressão criativa e a comunicação, mas também promovem o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Através dessas práticas, a oralidade feminina ganha um espaço de destaque, fortalecendo a identidade e a autoestima das alunas, ao mesmo tempo em que desafia os paradigmas tradicionais da educação.

Em suma, neste estudo posso considerar que a oralidade não apenas empodera as mulheres nordestinas, mas também desempenha um papel crucial na preservação da memória cultural e na promoção da justiça social. Através das histórias contadas e recontadas, as mulheres continuam a construir e reconstruir suas identidades, mantendo viva a chama da resistência e da esperança, em um mundo que ainda tem muito a aprender com suas vozes.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Os pensadores**. Textos escolhidos/Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. . ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis - Rj: Vozes, 2012.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz**. Lisboa, Lisbon, 2020.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da tradição. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs). **Comunicação e Cultura das Minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 86

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 7. ed. Campinas: Papirus, 1994. p.78.

FERRETI, Sergio Figueredo. **Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a casa das minas**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: São Luís, 1995.

FINARDI, Ângela. Voz, corpo e memória do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes. **Contar Histórias: Uns passarão e outros passarinho**. Joinville: Editora Univille, 2015. p. 79-86.

GREGÓRIO FILHO, F. Chegando assim... para contar uma chegada com uma "chamada". In. MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M.B.; MORAES, T. M. R.(org.). **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

KOUDELA, Ingrid; ALMEIDA JÚNIOR, José Simões (orgs.). **Léxico da pedagogia do teatro**. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva/SP Escola de Teatro, 2015.

MARTINS, Lêda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021.

NÓBREGA, Christus. **Renda renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa: SEBRAE, 2005.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

RONCATO, Caroline Cominetti; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.31, nº 2, p. 215-223, ago. 2005.

SANTOS, L. S. **A Emília que mora em cada um de nós**: a constituição do professor-contador de histórias. 2013 164 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVEIRA, Maria Claurenia Abreu de. Literatura Infantil: Gêneros textuais em mediação de leituras. In: TEIXEIRA, Luciênio de Macedo; DIAS, Plínio Rogenes de França. **Língua, Linguagem e produção de conhecimento na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. **Entre ramos de poder**: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB. Dissertação Pós Graduação em História, UFCG, 2010.

WEBGRAFIA

ABRAJETJP. **Tradição do artesanato paraibano, renda renascença se transforma em tema de selos postais no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://www.abrajtjpb.com.br/2021/07/12/tradicao-do-artesanato-paraibano-renda-renascenca-se-transforma-em-tema-de-selos-postais-no-brasil/> Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal.pdf Acesso em: 14/08/2024.

BRASÍLIA, Agência. **Nordestinos são maioria dos imigrantes que vivem no DF**. Da Redação, com informações da Codeplan. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2014/08/09/nordestinos-sao-maioria-dos-imigrantes-que-vivem-no-df/#:~:text=Com%20a%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20do%20forte,em%20torno%20de%20735%20mil> . Acesso em: 30 nov. 2023.

FREITAS, Eduardo de. **"A Seca no Nordeste"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-seca-no-nordeste.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e. **Região Nordeste do Brasil**: as principais características da região nordeste do brasil e os principais dados econômicos.. As principais características da região Nordeste do Brasil e os principais dados econômicos.. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/geografia/regiao_nordeste.htm . Acesso em: 30 nov. 2023.

IMIRANTE.COM. **Nordestinos são 28,21% da população do Distrito Federal**. Agência Nordeste. Disponível em:

<https://imirante.com/noticias/brasil/2003/01/19/nordestinos-sao-28-21-da-populacao-do-distrito-federal> . Acesso em: 30 nov. 2023.

LIRA, Leandro de Lima. **História da Paraíba**. Disponível em: https://www.pm.pb.gov.br/arquivos/Historia_da_Paraiba.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

PB, G1. **Renda renascença é reconhecida patrimônio cultural imaterial da Paraíba**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/12/21/renda-renascenca-e-reconhecida-patrimonio-cultural-imaterial-da-paraiba.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2023.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013, p. 52, 56 e 57. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>. Acesso em: 13 dez. 2023.

APÊNDICES

A) ORALIDADE FEMININA DA MULHER NORDESTINA

Nome da Participante: Maria Paula Silva Sousa

Idade: 46 anos

Local de Origem: Massapê - CE

Profissão/Ocupação: Auxiliar de Serviços Gerais

Data da Entrevista: 23/05/2024

1. Como você vê a importância das narrativas orais na transmissão de tradições e valores culturais do Nordeste ao longo do tempo?

Percebi que ninguém escuta mais com tanta frequência as histórias que eram contadas antigamente. Cada ano que entra as lembranças vão se perdendo, assim como seus valores.

2. Você pode compartilhar uma história ou experiência oral que considera especialmente significativa para a preservação da cultura nordestina?

Quando eu era criança, eu brincava de sombras com meus irmãos. A gente acendia o candeeiro e fazia as formas na parede. A gente criava personagens, imitava os sons, fazia as falas e passava o tempo brincando. As histórias que a gente mais gostava de contar eram histórias de terror. No Nordeste tem muitas lendas, muitos causos. O que eu mais contava era o do homem do saco que pegava as crianças desobedientes e levava embora para longe dos pais.

Para investigar o impacto das narrativas orais na promoção da identidade feminina:

3. Como as narrativas orais contribuem para promover a representação e o reconhecimento das mulheres na cultura nordestina?

Cresci ouvindo as histórias de luta da minha mãe. Escutava sobre as léguas que ela caminhava para buscar lenha para utilizar no fogão, o quanto ela caminhava para buscar água para fazer os afazeres domésticos e cuidar dos filhos, escutei muitas histórias sobre as agressões que ela sofria. Isso me faz pensar em como a cultura mudou. Como as mulheres passaram a ser tratadas com mais dignidade do que

naquela época. Essas histórias, baseadas nas experiências cotidianas e pessoais da minha mãe me fizeram perceber que eu precisava ser ouvida e que não devia ficar calada diante das atrocidades que eram cometidas contra mim. Compreendia tudo o que me era contado e me negava a passar por situações parecidas com as quais minha mãe passou.

4. Você acredita que as narrativas orais têm o poder de empoderar as mulheres nordestinas e fortalecer sua identidade?

Acredito que sim. Pois nossas histórias pessoais e as histórias que nos são contadas nos fazem mais fortes, mais conscientes. Saber o que não devemos mais aceitar, sobre situações que não podemos ficar caladas. Isso nos ajuda a entender o nosso lugar, a entender o poder que a nossa voz tem. Falar é a principal arma da mulher, principalmente no nosso país.

Para explorar o papel das narrativas orais na promoção da autonomia das mulheres nordestinas:

5. De que maneira as narrativas orais podem influenciar a autoestima e a autonomia das mulheres na sociedade nordestina?

Quando falamos sobre autoestima, a lembrança que eu tenho é a do orgulho e da força da mulher nordestina. Minha mãe, uma mulher de pele negra e cabelo curto recebia várias ofensas da minha avó, uma mulher de pele branca e olhos claros, onde a mesma falava para meu pai que ele só havia se casado com minha mãe para “manchar” a família. As histórias que foram contadas para minha mãe e que também foram passadas para mim desafiavam os estereótipos daquela época. Ouvi várias vezes histórias de romance onde homens brancos se casavam com mulheres negras e que eles viviam suas vidas de forma feliz. Isso me mostrou que assim como as mulheres negras das histórias que eu ouvia conseguiam alcançar a felicidade e encontrar o amor verdadeiro, minha mãe também conseguiria, e eu também. Isso me encorajava a não ficar calada, a seguir meus sonhos e a lutar pela minha vida.

6. Existem exemplos específicos de narrativas orais que destacam a resiliência e a capacidade das mulheres nordestinas de superar desafios e conquistar autonomia?

Eu sou um exemplo específico. Os desafios começaram muito cedo. Ir até o açude para lavar as minhas próprias roupas, plantar para depois colher os alimentos, cortar lenha para utilizar no fogão, trabalhar desde muito cedo para conseguir o mínimo. Eu mesma tive que trabalhar na casa da minha professora em troca de sabonete, roupas, tênis, shampoo. Tive que começar desde pequena para conseguir ter o básico. Foi assim que conquistei minha autonomia. Às vezes, na beira do açude, eu ouvia histórias de outras meninas que trabalhavam e que conquistaram suas coisas e decidi que eu devia fazer o mesmo. Hoje, ao compartilhar a história da minha vida, sei que não estou sozinha. Minhas colegas enfrentaram coisas parecidas. Mas nós estamos aqui, seguindo na luta diária, enfrentando os desafios que aparecem.

Para analisar as experiências, perspectivas e conhecimentos das mulheres nordestinas em relação à oralidade e seu impacto em suas vidas e comunidades:

7. Como a oralidade está presente em sua vida cotidiana e na comunidade em que vive?

Na minha época, Massapê era uma cidade muito pobre, com poucos recursos. A oralidade era o meio mais importante de comunicação e de união onde eu cresci. Fora o aprendizado que era passado de boca em boca. Naquela época, falar era a forma que a gente encontrava para desestressar. Falávamos da vida cotidiana, das dificuldades, dos problemas, dos causos. Hoje em dia, sempre que viajo para lá para visitar meus pais, me passa um filme na cabeça. Fico pensando onde está aquela cidadezinha que não tinha quase nada e hoje está tão moderna. Sempre volto de lá com uma gíria nova. Trago também as músicas e sempre relembro de alguns costumes que ainda são utilizados lá.

8. Você poderia compartilhar uma experiência pessoal em que a oralidade desempenhou um papel importante em sua vida ou na vida de sua comunidade?

Me lembro das enchentes que cobriam a cidade, onde a água passava da altura do joelho. A gente sempre perdia tudo. Lembro das mulheres se ajudando, rezando o Pai Nosso, tentando recuperar o máximo de coisas que se perdiam entre a água. Me recordo de perder documentos, minha certidão de nascimento, materiais da escola. Lembro que a gente sempre cantava músicas ou rezava pedindo para Deus para

que nos ajudasse. Rezar era a forma de oralidade mais presente nesses momentos. As mulheres formavam uma corrente muito forte de ajuda e os homens se encarregavam de ir para o roçado salvar a plantação.

Para oferecer uma visão mais profunda e abrangente sobre o papel da oralidade na vida das mulheres nordestinas:

9. Como você acredita que as narrativas orais podem influenciar as percepções e experiências das mulheres nordestinas em relação à sua própria identidade e lugar na sociedade?

As histórias são uma forma de transmitir conhecimentos. Aprendemos umas com as outras sobre como lidar com desafios cotidianos, desde a criação dos filhos até a gestão do dinheiro que ganhamos, o que nos torna mais preparadas e independentes.

10. Você percebe mudanças ao longo do tempo na forma como as narrativas orais são transmitidas e valorizadas na cultura nordestina?

Sim, percebo mudanças significativas na forma como as narrativas orais são transmitidas e valorizadas na cultura nordestina ao longo do tempo. Essas mudanças refletem tanto as transformações sociais quanto os avanços tecnológicos que influenciam nosso modo de vida. Antigamente, as histórias eram transmitidas principalmente em rodas de conversa, nos encontros familiares e eventos da comunidade. Hoje, com o avanço da tecnologia, e com o acesso à internet e aos celulares, essas histórias também são compartilhadas através redes sociais e aplicativos de mensagens. Isso aumentou o alcance das narrativas, permitindo que elas sejam ouvidas por pessoas de todos os cantos do mundo.

Para destacar a importância da oralidade como elemento de preservação cultural, autonomia feminina e resistência frente aos desafios da sociedade contemporânea:

11. Como você vê a oralidade como uma ferramenta para resistir a estereótipos e desafiar normas sociais?

A nossa voz é uma ferramenta poderosa para resistir a estereótipos e desafiar normas sociais. Ela permite que as mulheres nordestinas compartilhem suas experiências, desconstruindo a imagem de que a mulher não consegue fazer as

mesmas coisas que um homem. Essas histórias nos dão voz e visibilidade, mostrando nossa capacidade de liderar e superar os desafios. Elas também ajudam a criar redes de apoio, inspirando outras mulheres a se unirem e a lutar contra injustiças.

12. Em sua opinião, qual é o potencial da oralidade para promover a preservação da cultura e fortalecer a autonomia das mulheres na sociedade contemporânea?

Eu acho que a primeira coisa que a oralidade permite é promover a cultura nordestina e fortalecer os laços femininos das mulheres. Nós somos um porto de conhecimento. A oralidade nos permite passar conhecimento de geração em geração. Através dela as mulheres conseguem compartilhar suas histórias, suas experiências e sua visão de mundo. A mulher nordestina é uma grande fonte de sabedoria. Desde os saberes populares, as rezas, os contos, as lendas, tudo isso está na nossa memória, na nossa bagagem. Toda a história que carregamos é importante para promover a preservação da cultura nordestina e dos costumes. A oralidade abre espaço de fala e escuta. Se eu falo alguém irá me ouvir. Ao me ouvir, as pessoas podem se identificar com a minha história, podem gostar do que ouviram e pedir para que eu conte mais sobre, podem compartilhar uma história que estava a muito tempo guardada. Enfim, é importante para que as mulheres se conectem e passem seus ensinamentos para as futuras gerações.

B) ORALIDADE FEMININA DA MULHER NORDESTINA

Nome da Participante: Ozenaide Santos Pereira (Nádia)

Idade: 39 anos

Local de Origem: Pilão Arcado - Bahia

Profissão/Ocupação: Cabeleireira

Data da Entrevista: 04/06/2024

1. Como você vê a importância das narrativas orais na transmissão de tradições e valores culturais do Nordeste ao longo do tempo?

Eu cresci ouvindo histórias, lendas, contos. Também me considero uma contadora de histórias. Eu acho que falar sobre a minha própria história de vida me faz ser uma contadora. Mas de onde eu vim a gente fala que nós somos contadoras de causos. Eu fui criada pela minha avó e a primeira coisa que me vem à memória quando falamos de histórias é a minha história de vida, que era contada para mim, desde que eu era criança. Minha avó dizia que tinha me encontrado debaixo de um pé de Carnaúba. Eu sou de Pilão Arcado, na Bahia. Antes de existir Pilão Arcado, existia a cidade de Pilão Velho, que foi inundada por causa do rompimento de uma barragem. Depois disso, fundaram a nova Pilão Arcado. Eu me lembro muito bem do meu avô contando as histórias da antiga Pilão Velho, dos cangaceiros e dos povos que viviam lá. Inclusive, a tradição da nossa família vem desde essa época. Nós aprendemos a benzer, a jogar cartas para descobrir o futuro, aprendemos os cantos que servem para proteção da mente e do corpo, aprendemos sobre o poder das ervas. Tudo isso, graças à oralidade. Graças às histórias e os ensinamentos que foram passados pela minha avó e pelo meu avô para mim. As coisas mais importantes que eu aprendi foi através do que meus avós me contavam. Eu acredito que isso moldou minha personalidade e me fez ser a pessoa que sou hoje. Eu acho importante essa questão das tradições, das histórias, porque isso ajuda a valorizar a nossa cultura. A gente aprende através do que nos é contado sobre valores, sobre costumes, sobre as tradições do nosso povo.

2. Você pode compartilhar uma história ou experiência oral que considera especialmente significativa para a preservação da cultura nordestina?

A história mais marcante para mim, que eu lembro e sempre conto para as pessoas, é sobre a lenda de Pilão Arcado. Meu avô falava que tinham dois pescadores e eles estavam voltando para casa depois de um dia cansativo de pesca. Quando eles se aproximaram da beira do Rio São Francisco, viram um pilão, com a ponta curvada, em formato de arco. Eles pegaram o pilão e utilizaram para pilar o sal e salgar os peixes que eles pescavam, como se fosse um amuleto da sorte. Mas em Pilão Arcado tem muita história. Tem as histórias do Rio São Francisco também. Dizem que no Velho Chico a Mãe D'água sempre aparece para assustar os pescadores, mas isso só acontece quando a água do rio está baixa.

Para investigar o impacto das narrativas orais na promoção da identidade feminina:

3. Como as narrativas orais contribuem para promover a representação e o reconhecimento das mulheres na cultura nordestina?

Eu acho que nós carregamos uma bagagem de histórias muito grande. A mulher nordestina é conhecida pela sua força e pela sua coragem. Nós somos as guardiãs das nossas famílias, cuidamos da casa, dos filhos, trabalhamos fora. As histórias que são contadas sobre as mulheres nordestinas sempre enfatizam a resistência e a luta da mulher na sociedade. Eu acho que a oralidade aparece exatamente neste ponto, porque enfatiza o poder da mulher nordestina, preserva a memória e demonstra a resistência da mulher no lugar onde ela vive.

4. Você acredita que as narrativas orais têm o poder de empoderar as mulheres nordestinas e fortalecer sua identidade?

Sim. Quando ouvimos histórias de aprendizado, superação e até mesmo histórias de vida de outras mulheres, nos sentimos mais acolhidas. Podemos nos identificar com as histórias, nos emocionamos, compartilhar nossas próprias experiências. Tudo isso ajuda para que as mulheres se sintam acolhidas.

Para explorar o papel das narrativas orais na promoção da autonomia das mulheres nordestinas:

5. De que maneira as narrativas orais podem influenciar a autoestima e a autonomia das mulheres na sociedade nordestina?

Quando conhecemos as histórias de nossas mães, nossas avós, nos sentimos mais conectadas com a nossa própria história, com a nossa identidade. Essa conexão do passado com o futuro permite que a gente explore esse sentimento de pertencimento e contribui para que a nossa identidade feminina seja construída com base em valores, com base na nossa cultura.

6. Existem exemplos específicos de narrativas orais que destacam a resiliência e a capacidade das mulheres nordestinas de superar desafios e conquistar autonomia?

Eu gosto muito da história de Maria Bonita. Ela era uma mulher que se tornou cangaceira e naquela época, uma mulher sair de casa para fazer a mesma coisa

que os homens faziam era algo inacreditável. Eu acho a história de Maria Bonita muito forte. Não pela participação dela no cangaço, mas sim pela coragem de abandonar tudo e ir viver de forma livre.

Para analisar as experiências, perspectivas e conhecimentos das mulheres nordestinas em relação à oralidade e seu impacto em suas vidas e comunidades:

7. Como a oralidade está presente em sua vida cotidiana e na comunidade em que vive?

Eu sou benzedeira também. Aprendi a benzer com minha avó, quando eu tinha 7 anos. Através da oralidade que eu aprendi as rezas, os cantos. Apesar de ser cabeleireira, meu dom é a reza. Então eu uso tudo o que eu aprendi quando criança nas minhas sessões de rezas. Acredito que é através disso que a oralidade está presente na minha vida. E eu também passo os ensinamentos que aprendi para os meus filhos.

8. Você poderia compartilhar uma experiência pessoal em que a oralidade desempenhou um papel importante em sua vida ou na vida de sua comunidade?

Eu considero a minha história um exemplo de como a oralidade tem um papel importante na nossa vida. Minha infância foi muito boa, foi maravilhosa. Quando criança eu não sabia que minha mãe era a minha mãe. Minha avó me contou que ela tinha me achado em cima de um pé de carnaúba. Eu fui crescendo e continuei sem saber que minha mãe era minha mãe. Acreditei por muitos anos que eu realmente tinha sido encontrada debaixo de um pé de carnaúba e que minha avó tinha me achado. Eu tenho 4 irmãos e só descobri que minha mãe era de fato minha mãe com 15 anos de idade. Isso aconteceu por problemas psicológicos que minha mãe desenvolveu durante a minha gestação. Mas isso me colocou num lugar de conforto, pois eu era uma criança que tinha sido rejeitada pela mãe desde o nascimento. Eu acredito que se na minha infância eu soubesse disso eu me sentiria frustrada, eu ficaria arrasada. A história que minha avó me contou sobre o pé de carnaúba fez com que eu me sentisse especial, diferente.

Para oferecer uma visão mais profunda e abrangente sobre o papel da oralidade na vida das mulheres nordestinas:

9. Como você acredita que as narrativas orais podem influenciar as percepções e experiências das mulheres nordestinas em relação à sua própria identidade e lugar na sociedade?

Eu acredito que as narrativas orais como os contos, as lendas, os causos, influenciam as mulheres, influenciam suas percepções, suas expectativas, influenciam nossa identidade. Quando nós escutamos uma música que fala sobre a força da mulher nordestina nós nos sentimos representadas. Quando ouvimos histórias de outras mulheres nordestinas e nos identificamos, isso potencializa a nossa força, pois nos mostra que não estamos sozinhas. As narrativas orais nos ajudam a entender nosso lugar e a buscar lugares novos, a lutar pelos nossos direitos, a reivindicar aquilo que é nosso e a compreender o nosso lugar de fala.

10. Você percebe mudanças ao longo do tempo na forma como as narrativas orais são transmitidas e valorizadas na cultura nordestina?

Sim. Por mais que a gente tente negar, as mudanças ocorrem todos os dias. Um exemplo disso é a tecnologia, os celulares, a internet. Hoje, as redes sociais ocupam um lugar enorme na questão das narrativas. Com um clique você consegue acessar um milhão de coisas, ouvir e ler um milhão de histórias. Não que seja ruim. Eu acho que a internet, apesar de ser um meio mais fácil de acesso a esses conteúdos, também pode ser utilizada como ferramenta para disseminar os valores da nossa cultura nordestina.

Para destacar a importância da oralidade como elemento de preservação cultural, autonomia feminina e resistência frente aos desafios da sociedade contemporânea:

11. Como você vê a oralidade como uma ferramenta para resistir a estereótipos e desafiar normas sociais?

Eu acho que a oralidade atua no papel de preservação. Ela se torna uma ferramenta de luta. A tradição oral é uma caixa que guarda a memória das comunidades, a ancestralidade dos povos, as crenças, os contos, os valores. Ela é uma forma de passar conhecimento para as gerações futuras, é uma maneira de preservar as nossas tradições e de enfatizar que a nossa cultura deve ser mais valorizada.

12. Em sua opinião, qual é o potencial da oralidade para promover a preservação da cultura e fortalecer a autonomia das mulheres na sociedade contemporânea?

Para mim, o principal potencial da oralidade é o fortalecimento dos laços, da ancestralidade, da memória e principalmente trabalhar a autonomia das mulheres. Ela nos permite criar uma conexão com o passado, nos ajuda a nos conectar com nossas raízes, com a nossa ancestralidade. O corpo feminino é uma máquina de expressão. Nossa memória nos conecta com as histórias do passado e através da fala nós passamos conhecimento para outras pessoas. Através da oralidade nós assumimos o nosso lugar dentro da sociedade, podemos usar nossas histórias pessoais para encontrar outras mulheres com as mesmas ideias e nos unir para lutar por aquilo que acreditamos. As histórias tem o poder de nos fazer sonhar, de nos levar para os lugares que a gente não tem acesso com tanta facilidade.

C) ORALIDADE FEMININA DA MULHER NORDESTINA

Nome da Participante: Rose Mary Costa Sousa

Idade: 63 anos

Local de Origem: Brejo/MA

Profissão/Ocupação: Professora e escritora

Data da Entrevista:31/05/1924

1. Como você vê a importância das narrativas orais na transmissão de tradições e valores culturais do Nordeste ao longo do tempo?

Resposta: Acredito ser as narrativas orais, uma das formas mais eficientes na transmissão das tradições culturais, que com a sua forma tão peculiar, não acredito, possa ser substituída por outros meios de transmissão.

2. Você pode compartilhar uma história ou experiência oral que considera especialmente significativa para a preservação da cultura nordestina?

Resposta: Posso contar da minha experiência e, pela qual me tornei contadora de histórias e escritora. Cresci numa vila do interior do maranhão chamada Brejo e,

devido a total ausência de atividades culturais, a minha mãe narrava histórias e contos de assombração, bem como comprava revistinhas da literatura de cordel para contar as histórias de príncipes, princesas e castelos para as pessoas do local nos finais de tarde. Até mesmo aqueles que tinham passado o dia inteiro no roçado, no trabalho pesado, se rendiam às sessões de histórias da minha mãe. Ela conseguia despertar encantamento e alegria para quem participava daqueles momentos, tão especiais. Essa memória afetiva, fez com que eu entendesse a grandiosidade da narração oral.

Para investigar o impacto das narrativas orais na promoção da identidade feminina:

3. Como as narrativas orais contribuem para promover a representação e o reconhecimento das mulheres na cultura nordestina?

Resposta: É importante fomentar a leitura ou as narrativas que privilegiem a participação das mulheres na nossa história. Das mulheres que plantaram sementes, que transgrediram as normas previamente estabelecidas contra as mulheres. A formação do leitor é determinante para o sucesso desse entendimento e, conseqüentemente da valorização das mulheres na cultura nordestina.

4. Você acredita que as narrativas orais têm o poder de empoderar as mulheres nordestinas e fortalecer sua identidade?

Resposta: A inserção da literatura na matriz curricular, precisa contemplar a dupla função de formar o leitor literário e o cidadão crítico e receptivo às mudanças sociais e às diferenças de gênero, a fim de disseminar a ideia de desconstrução de preconceitos com relação à mulher na sociedade. As mulheres precisam de referências positivas de mulheres, pra ter como parâmetro para a construção das suas identidades.

5. De que maneira as narrativas orais podem influenciar a autoestima e a autonomia das mulheres na sociedade nordestina?

Resposta: Privilegiando as narrativas que ressaltem a participação das mulheres na história. De mulheres que tomaram a frente, mesmo com a sociedade mostrando que elas devem ser submissas. Mostrar a força das mulheres na história e o quanto essa força, foi e é capaz de revolucionar e fazer a diferença.

6. Existem exemplos específicos de narrativas orais que destacam a resiliência e a capacidade das mulheres nordestinas de superar desafios e conquistar autonomia?

Resposta: A história de Ana Nery que ficou viúva aos 29 anos com a responsabilidade para criar três filhos sozinha, enfrentando adversidades com coragem e determinação. Tinha uma capacidade extraordinária de se reerguer mesmo com tantas perdas na vida. Tinha força para seguir adiante e, ainda, cuidar de quem dela precisasse.

Para analisar as experiências, perspectivas e conhecimentos das mulheres nordestinas em relação à oralidade e seu impacto em suas vidas e comunidades:

7. Como a oralidade está presente em sua vida cotidiana e na comunidade em que vive?

Resposta: Sou professora aposentada e escritora de livros para crianças. Portanto, tenho uma rotina de contação de histórias em escolas, eventos, feiras, etc, tanto para divulgar os meus livros, como para disseminar a importância da literatura e da tradição oral.

8. Você poderia compartilhar uma experiência pessoal em que a oralidade desempenhou um papel importante em sua vida ou na vida de sua comunidade?

Resposta: A experiência que já contei no item acima, sobre as sessões de histórias da minha mãe, quando eu era criança.

9. Como você acredita que as narrativas orais podem influenciar as percepções e experiências das mulheres nordestinas em relação à sua própria identidade e lugar na sociedade?

Resposta: Ouvindo e praticando as narrativas que coloquem a mulher em papel de destaque na sociedade.

10. Você percebe mudanças ao longo do tempo na forma como as narrativas orais são transmitidas e valorizadas na cultura nordestina?

Resposta: Essa prática vem crescendo gradativamente exatamente pela percepção de que as experiências de mulheres que se destacaram na história, precisam e devem ser transmitidas por meio das narrativas.

Para destacar a importância da oralidade como elemento de preservação cultural, autonomia feminina e resistência frente aos desafios da sociedade contemporânea:

11. Como você vê a oralidade como uma ferramenta para resistir a estereótipos e desafiar normas sociais?

Resposta: Uma ferramenta poderosa de disseminação de exemplos e práticas que deram certo e, portanto, precisam ser preservadas e ter continuidade.

12. Em sua opinião, qual é o potencial da oralidade para promover a preservação da cultura e fortalecer a autonomia das mulheres na sociedade contemporânea?

Resposta: Tem um papel fundamental na disseminação da importância de preservar a cultura para a saúde de um povo, bem como desenraizar qualquer ideia de preconceito ou discriminação de qualquer ordem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos, que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

A minha maior inspiração de vida, ao meu maior amor do mundo, a maior contadora de causos que conheci e a maior fonte de sabedoria e de sorriso inigualável que já pisou nesta terra, Francisca Maria da Silva (in memoriam) minha querida e amada avó, expresso minha mais sincera gratidão.

Agradeço aos meus pais, Severina de Medeiros e José Mendes pelo apoio e pela constante motivação. Agradeço aos meus irmãos, Wanderson Medeiros, Wesley Medeiros e Warley Medeiros pelo incentivo e pelas palavras de sabedoria proferidas por vocês. Sem o apoio familiar esta conquista não teria sido possível.

Agradeço aos meus amigos Lucas Matheus da Silva e Leonardo Carsan, que estiveram ao meu lado, me oferecendo suporte, dando conselhos e colecionando memórias durante a graduação. Sem vocês minha jornada na Universidade de Brasília não teria a menor graça.

Agradeço também, com todo meu respeito e carinho, as mulheres que participaram desta pesquisa e compartilharam suas trajetórias de vida: Maria Paula Silva Sousa, Ozenaide Santos Pereira e Rose Mary Costa Sousa.

A minha querida e amada Paraíba, terra de beleza singular e de céu azul inconfundível, expresso minha mais profunda gratidão. Que sorte a minha ter nascido nordestina.

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão à Universidade de Brasília, que me proporcionou não só conhecimentos técnicos, mas também uma visão crítica e transformadora da sociedade através de um ensino gratuito e de qualidade.

Gostaria também de agradecer às escolas públicas que me acolheram ao longo do meu percurso acadêmico. Este trabalho é fruto não só do meu esforço, mas também do empenho de todos os educadores que acreditaram em mim e dedicaram tempo e energia para me ensinar.

E por fim, um agradecimento mais que especial à minha orientadora Ângela Barcellos Café. Grandiosa Ângela, obrigado por tudo. A educação brasileira tem sorte de ter você como professora e eu tive mais sorte ainda de ter sido sua aluna.

